

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**CONHECIMENTO DOS PROFESSORES DO ENSINO PRIMÁRIO
SOBRE A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. CASO ESCOLA
DO ENSINO PRIMÁRIO Nº6087 JOÃO MANUEL FILHO (DIBOBA), DO
MUNICÍPIO DE ICOLO BENGOLUANDA NO ANO LECTIVO
2022/2023**

Autora: Felicidade Francisco Dos Santos

Orientador: Ezequiel Lupassa, MsC

Luanda, 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**CONHECIMENTO DOS PROFESSORES DO ENSINO PRIMÁRIO
SOBRE A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. CASO: ESCOLA
DO ENSINO PRIMÁRIO Nº6087 JOÃO MANUEL FILHO (DIBOBA), DO
MUNICÍPIO DE ICOLO BENGU /LUANDA NO ANO LECTIVO
2022/2023**

Trabalho de fim de curso apresentado ao Instituto Superior de Angola, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em pedagogia, sob a orientação do Professor MSc. Ezequiel Lupassa.

O JÚRI

Presidente _____

1º Vogal _____

2º Vogal _____

Secretário _____

Classificação: _____

Data _____ / _____ / _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Francisco Vita dos Santos e Rosita de Souza Queirós, por ouvir incentivar, apoiar, com toda atenção e compressão.

Aos meus irmãos, primos, primas, tios, tias, amigos, amigas que contribuíram para a conclusão do mesmo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me mantido na tilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e força para chegar até o final.

Gratidão pelos meus pais, Francisco Vita dos Santos e Rosita de Sousa Queirós, pela sua presença e amor incondicional na minha vida. Esta monografia é a prova de que os osforços deles pela minha educação não foram em vão e valeram a pena.

Aos meus irmãos, Marcelino, Domingas, Dinha, Milton, Benvindo, muito obrigada pela amizade e atenção dedicada quando sempre precisei.

Ao meu tutor Mcs. Ezequiel Lupassa Agradeço pela grande atenção dispensada que se tornou essencial para que o projecto fosse concluído.

Sem esquecer os meus queridos primos que muito me ajudaram na concretização deste projecto, o meu muitíssimo obrigado.

Ao meu namorado Valdimiro Teresa Jaime obrigada pelo apoio incondicional.

Ao Instituto Superior de Angola (ISA) e aos seus docentes que nos incentivaram a percorrer o caminho da pesquisa científica.

Aos meus colegas e amigos o meu muito obrigada pelo apoio e confiança, juntos conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.

EPIGRÁFE

"Nenhuma criança deve ser deixada para trás. A inclusão é o caminho para um futuro mais justo e compassivo." - Mandela

RESUMO

Conhecimentos dos Professores do Ensino Primário sobre a Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil. Partindo da questão, qual é o nível de conhecimento dos professores do ensino primário da Escola 6087, em Cacuaco, Luanda sobre o transtorno do espectro autista (TEA) e suas práticas inclusivas na educação infantil? Levantamos a hipótese, a inclusão eficaz de crianças com TEA na educação infantil depende do conhecimento e das práticas dos professores. O estudo tem como objetivo avaliar o nível de conhecimento dos professores do ensino primário sobre o TEA e suas práticas de inclusão na Escola. A população alvo é de 31 professores, e como amostra são (10) professores que pré-fase 32% da população estudada. Utilizou-se uma abordagem qualitativa e quantitativa, com coleta de dados por meio de inqueritos semiestruturadas e análise de conteúdo. Os inquiridos exploraram o conhecimento dos professores sobre o TEA, suas experiências com inclusão de crianças com TEA e as dificuldades enfrentadas. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os professores, registradas e posteriormente transcritas para análise. A análise de conteúdo foi empregada para identificar categorias e padrões nos dados, permitindo uma compreensão mais profunda das percepções e práticas dos professores em relação à inclusão de crianças com TEA na educação infantil. O estudo contribui para uma compreensão mais abrangente dos desafios e oportunidades relacionados à inclusão de crianças com TEA na educação infantil, fornecendo percepções importantes para aprimorar as práticas pedagógicas e promover uma educação mais inclusiva e equitativa.

Palavras – chave: Transtorno Espectro Autismo; inclusão escolar; A educação especial; Educação Inclusiva.

ABSTRACT

Knowledge of Primary School Teachers on the Inclusion of Children with Autism Spectrum Disorder in Early Childhood Education. Starting from the question, what is the level of knowledge of primary school teachers at School 6087, in Cacuaco, Luanda about autism spectrum disorder (ASD) and its inclusive practices in early childhood education? We raise the hypothesis that the effective inclusion of children with ASD in early childhood education depends on the knowledge and practices of teachers. The study aims to evaluate the level of knowledge of primary school teachers about ASD and their inclusion practices in the School. The target population is 31 teachers, and as a sample there are (10) teachers who pre-stage 32% of the studied population. A qualitative and quantitative approach was used, with data collection through semi-structured surveys and content analysis. Respondents explored teachers' knowledge of ASD, their experiences with including children with ASD and the difficulties they faced. To collect data, semi-structured interviews were carried out with teachers, recorded and later transcribed for analysis. Content analysis was used to identify categories and patterns in the data, allowing a deeper understanding of teachers' perceptions and practices regarding the inclusion of children with ASD in early childhood education. The study contributes to a more comprehensive understanding of the challenges and opportunities related to the inclusion of children with ASD in early childhood education, providing important insights to improve pedagogical practices and promote more inclusive and equitable education.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; school inclusion; Special education; inclusive education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TEA- Transtorno Espectro Autista

NEE - necessidades educacionais especiais"

DSM- Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

MED- Ministério da Educação

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela e gráfico nº 01. Especialidade	27
Tabela e gráfico nº 02. Tempo de serviço	28
Tabela e Gráfico nº 3 Os professores do ensino primário da Escola 6087, em Cacuaco, Luanda, possuem um conhecimento básico sobre o transtorno do espectro autista (TEA), mas podem enfrentar dificuldades na aplicação de práticas inclusivas específicas para atender às necessidades dessas crianças.....	29
Tabela e Gráfico nº 4 - Conheces os possíveis sinais do TEA.	30
Tabela e Gráfico nº 5 O TEA pode afetar o seu desenvolvimento académico.....	31
Tabela e Gráfico nº6 Considera significativa a melhoria das aquisições básicas dos alunos com TEA após o término do ano lectivo.	32
Tabela e Gráfico nº 7 Considera importante a redução do número de alunos por turma com a inclusão por necessidades educativas especiais.	33
Tabela e Gráfico nº 8 A inclusão dos alunos com TEA nas salas regulares é feita com sucesso.	34
Tabela e Gráfico nº 9 Considera importante o aluno com TEA frequente o máximo número de horas a sala regular.	35
Tabela e Gráfico nº 10 O ambiente escolar e os recursos disponíveis na Escola 6087 podem influenciar a capacidade dos professores de oferecer suporte adequado às crianças com TEA, afetando assim o sucesso da inclusão desses alunos na sala de aula.....	36
Tabela e Gráfico nº 11 As diferenças entre os alunos são utilizadas como um recurso para o ensino e aprendizagem.	37
Tabela e Gráfico nº 12 Os profissionais desenvolvem medidas para apoiar a aprendizagem e a participação	38
Tabela e Gráfico nº 13 A escola torna o seu edifício acessível a todas as pessoas.....	39
Tabela e Gráfico nº 14 A falta de formação e capacitação adequadas pode ser um obstáculo para os professores no desenvolvimento e implementação de estratégias eficazes de inclusão para crianças com TEA na educação infantil.....	40
Tabela e Gráfico nº 15 A avaliação encoraja a melhoria dos resultados dos alunos....	41

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS.....	ii
EPIGRÁFE.....	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT	v
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	vi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	1
1.1 Definição dos termos e conceitos.....	1
1.1.1 . Conhecimento	1
1.1.2. Professor.....	1
1.1.3. Inclusão escolar	2
1.1.4. Autismo.....	2
1.1.5. Educação Infantil	3
1.1.6. Transtorno Espectro Autismo	3
1.2. Histórico da Síndrome do Espectro Autismo	4
1.3. Entendendo como o Professor Trabalha com Crianças com TEA na Educação Infantil.	12
1.4. Educação Infantil Na Perspectiva Inclusiva.....	16
CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA	22
2.1. Tipo de pesquisa.....	22
2.2. Modelo de abordagem	22
2.3. Nível de estruturação de métodos de pesquisa.....	23
2.4. Técnicas de coleta de dados	24
2.5. Instrumentos e procedimentos.....	24
2.6. População e amostra.....	25
2.7. Dificuldades encontrada	25
2.8. Caracterização do campo de pesquisa	26
CAPÍTULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	27
3.1. Inquérito aplicado aos professores e direcção da escola	27
3.2.Discussão dos resultados	42
CONCLUSÃO	43

SUGESTÕES	45
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS.....	46
APÊNDICE	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Neste trabalho nos propomos pesquisar acerca de conhecimentos dos Professores do Ensino Primário sobre a Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil na escola pública do ensino primário nº 6087 João Manuel filho (Diboba), situada no município de Icolo Bengo /Luanda no ano lectivo 2022/2023.

A inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) na educação infantil é um desafio crescente enfrentado pelas escolas em todo o mundo, incluindo a Escola 6087, em Icolo Bengo, Luanda. O papel dos professores primários é fundamental nesse processo, pois são eles que têm o contato direto com essas crianças em sala de aula. Esta pesquisa busca investigar o nível de conhecimento dos professores dessa escola sobre a inclusão de crianças com TEA, visando identificar as necessidades de capacitação e desenvolvimento de estratégias para promover uma educação inclusiva e de qualidade para todos os alunos.

Para o efeito se faz necessário apresentar Transtorno de Espectro Autista – TEA é uma condição caracterizada por um transtorno mental, que afeta tanto a comunicação, como a linguagem e o comportamento, assim como a interação social com o mundo, além de momentos de força e diferenças únicas, os sinais do transtorno geralmente aparecem entre os dois ou três anos de idade. O termo “Espectro” é caracterizado como (escala) por apresentar quantidade crescente de dificuldades interacionais no meio social, cognitivo e específico do autismo.

A maioria dos casos não apresenta nenhuma causa óbvia, acredita-se que alguns possam estar associados a umas infecções virais como a fenilcetonúria e a síndrome do X frágil. Assim, incluir uma criança com espectro autista no ambiente escolar é uma tarefa complexa, uma vez que a criança autista prefere a solidão, pois é resistente a relações sociais, principalmente àquelas mais próximas como o abraço, o contato olho no olho, a mudanças, assim a sua inclusão escolar deve ser analisada e planejada, para que ela não se torne um aluno excluído em sala de aula.

Um dos interesses pelo tema partiu do acúmulo de experiências na área de Educação Especial e por termos nos identificado com a temática a partir da formação inicial, pois o currículo de Pedagogia contempla as disciplinas de Educação Especial e Inclusão. Além disso, o tema autismo/inclusão escolar foi muito debatido durante o curso e isso ampliou nosso conhecimento e nos instigou a pesquisar sobre esta temática. Dessa maneira, acreditamos que pesquisar o autismo e a inclusão contribui para ampliar o conhecimento na área e com a formação de profissionais da educação na perspectiva da inclusão escolar.

Nesta perspectiva, essa temática reafirma a necessidade que todos compreendam e aceitem a diversidade humana, podendo contribuir na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, esse estudo será relevante para nossa prática pedagógica, pois de nada adianta termos um aluno com necessidades educacionais especiais matriculado na escola se não houver professores especializados e comprometidas, pois este será mais uma das crianças “incluídas”.

Assim, sendo, a metodologia a utilizar para este trabalho foi a pesquisa bibliográfica porque ela permite abordar fundamentações teóricas a respeito do tema, levando em consideração que para tratar, é necessário primeiro entender sobre o assunto, introduzindo o que é esse transtorno, quantos que são acometidos, como identificar, como fazer diagnóstico para que no fim, seja iniciado o processo de tratamento individual.

Apesar dos avanços na conscientização e na legislação sobre inclusão educacional, persistem desafios significativos na efetiva implementação da inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) na educação infantil. Na Escola 6087, em Icolo Bengo, Luanda, a problemática reside na identificação do nível de conhecimento dos professores do ensino primário sobre o TEA e na sua capacidade de aplicar estratégias inclusivas adequadas para atender às necessidades dessas crianças, garantindo assim o pleno acesso e participação na educação.

Para isso criou-se a seguinte pergunta de partida:

- **Qual é o nível de conhecimento dos professores do ensino primário da Escola 6087, Icolo Bengo , Luanda, sobre o transtorno do espectro autista (TEA) e suas práticas inclusivas na educação infantil, durante o período letivo de 2022/2023?**

Hipóteses

Segundo Ramos, (2014, p.10), hipótese é uma suposição ou uma resposta provisória de coisa possível. Pode ser uma afirmação positiva, negativa, ou condicional, ou ainda não testada sobre determinado problema ou experimento.

Assim, para dar resposta a problemática da pesquisa, apresentamos as possíveis hipóteses:

H1. Os professores do ensino primário da Escola 6087, em Cacucaco, Luanda, possuem um conhecimento básico sobre o transtorno do espectro autista (TEA), mas podem enfrentar dificuldades na aplicação de práticas inclusivas específicas para atender às necessidades dessas crianças.

H2. A falta de formação e capacitação adequadas pode ser um obstáculo para os professores no desenvolvimento e implementação de estratégias eficazes de inclusão para crianças com TEA na educação infantil.

H3. O ambiente escolar e os recursos disponíveis na Escola 6087 podem influenciar a capacidade dos professores de oferecer suporte adequado às crianças com TEA, afetando assim o sucesso da inclusão desses alunos na sala de aula.

Objectivo

Haydt (2003), afirma que “o mais importante nos actos da vida humana, precisamos definir metas as quais desejamos atingir, a exemplo dos arqueiros que apontam para um alvo certo”.

Segundo Zassala, (2017, p.57), objectivos é a meta a alcançar e deve ser definido de forma clara precisa em termos de relacionamento entre as variáveis, e devem ser escritas em tempos infinitos. Sendo os objectivos específicos são passos estratégicos para alcançar o objectivo geral.

Por essa razão, pretendemos atingir os seguintes objectivos:

Geral

Avaliar o nível de conhecimento dos professores do ensino primário da Escola 6087, Icolo Bengo, Luanda, sobre o transtorno do espectro autista (TEA) e suas práticas inclusivas na educação infantil, durante o período letivo de 2022/2023.

Específicos

Identificar os conhecimentos dos professores sobre o autismo em criança na educação infantil.

Descrever as barreiras percebidas pelos professores na inclusão de crianças com TEA na educação infantil.

Compreender o conhecimento dos professores sobre as características e necessidades específicas das crianças com TEA.

Explorar as experiências prévias dos professores no trabalho com crianças com TEA e suas percepções sobre a eficácia das práticas inclusivas.

Propor sugestões para o desenvolvimento profissional dos professores e a promoção de uma educação mais inclusiva para crianças com TEA na Escola 6087.

Justificativa

Este estudo é relevante academicamente porque contribui para o avanço do conhecimento sobre a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) na educação infantil, especialmente em contextos específicos, como a Escola 6087, Icolo Bengo, Luanda. Ao investigar o nível de conhecimento dos professores e suas práticas inclusivas, o estudo pode fornecer insights valiosos para pesquisas futuras e para o desenvolvimento de políticas educacionais mais eficazes.

A pesquisa tem implicações significativas para a prática profissional dos professores do ensino primário, fornecendo informações sobre as áreas em que podem precisar de capacitação adicional para melhor atender às necessidades das crianças com TEA. Além disso, ao identificar barreiras e desafios na implementação da inclusão, o estudo pode

informar o desenvolvimento de programas de formação contínua e recursos educacionais específicos para apoiar os professores em sua prática diária.

A inclusão de crianças com TEA na educação infantil é uma questão social importante, pois afeta diretamente a vida e o desenvolvimento dessas crianças, bem como suas famílias. Ao promover uma maior compreensão e aceitação da diversidade na sala de aula, este estudo contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa, onde todas as crianças têm a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente, independentemente de suas características individuais.

Do ponto de vista científico, este estudo preenche uma lacuna na literatura ao investigar o conhecimento e as práticas inclusivas dos professores em um contexto específico, proporcionando uma base empírica para futuras pesquisas na área da educação inclusiva e do TEA. Além disso, ao utilizar métodos rigorosos de coleta e análise de dados, o estudo contribui para a robustez e a validade das conclusões alcançadas, aumentando assim a credibilidade do conhecimento gerado.

A pesquisa tem como objeto buscar o que os professores do ensino primário conhecem sobre crianças com espectro autista, bem como suas respectivas características físicas e comportamentais, considerando suas causas e possíveis tratamentos, para que possa se compreender elementos necessários para a compreensão da conduta do aluno com a síndrome do autismo, de forma que os educadores juntamente com a equipe técnica possam criar novas metodologias didático/pedagógicas que enriqueçam o processo de ensino/aprendizagem do aluno autista, respeitando assim suas individualidades e correspondendo assim às expectativas da educação inclusiva, de forma a contemplar uma nova época para a educação no País, de modo a propiciar de forma efetiva a idealização de uma escola democrática, diversificada e aberta a todos.

Para que haja desenvolvimento local é necessária inclusão social e, é importante primar-se por uma formação coesa e eficiente do homem novo no contexto da educação para contribuir no desenvolvimento da sociedade.

Delimitação e limitação

Por ser um tema intrigante e complexo, delimitamos a pesquisa na escola do ensino primário nº 6087 João Manuel filho (Diboba), do município do Icolo Bengo /Luanda no ano lectivo 2022/2023.

. **Limitação:** Nos limitamos em estudar os professores e membros de direcção

Estrutura do trabalho

O nosso trabalho começa por uma introdução que esclarece a teoria da pesquisa e apresenta 3 capítulos .

No Iº capítulo,abordamos as questões teóricas sobre o espectro autista .

NoIIº capítulo,apresenta a metodologia utilizada na elaboração do trabalho.

No IIIº capítulo, relata as discussões e resultados obtidos, em função destes resultados apresenta-se as conclusões e sugestões e por fim seguirão as referencias bibliográficas apêndices e anexos.

CAPÍTULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Definição dos termos e conceitos

1.1.1 . Conhecimento

Tartuce (2006, p. 5) convida-nos a refletir sobre o conceito de conhecimento como ponto de partida para entendermos como se dá a construção do conhecimento: Assim, o conhecimento pode ser definido como sendo a manifestação da consciência de conhecer.

Segundo Nietzsche (1978, p.45), define o conhecimento como sendo, pensamento que resulta da relação que se estabelece entre sujeito que conhece e objeto a ser conhecido.

O conhecimento é a reprodução sensível e conceptual da realidade objetiva (ou seja, que existe fora e independentemente da consciência), natural e social, efetuada pelo cérebro humano. Lakatos (2003)

Segundo o Dicionário Houaiss, define conhecimento como sendo ato ou a atividade de conhecer, realizado por meio da razão e/ou da experiência. Domínio, teórico ou prático, de um assunto, uma arte, uma ciência, uma técnica etc.; competência, experiência, prática.

Na tradição influenciada pela ciência moderna, tal como o empirismo, criticismo ou positivismo, representação elaborada pela inteligência exclusivamente a partir de impressões sensíveis.

1.1.2. Professor

É um indivíduo que tem uma responsabilidade social enorme e que se compromete na luta pela transformação social. Ou é aquela pessoa que na sala de aulas exerça uma função política que não deva passar de forma despercebida pelos alunos, Freire (1996).

Por sua vez, Peterson (2001) realça que o professor é a pessoa que constroi significados em um processo dialético, no contexto particular em que se insere, no qual as construções prévias da realidade influenciam as interpretações das novas experiências, que por sua vez influenciam a construção da realidade.

E Vasconcelos (2009) diz que o professor é uma pessoa que interage de forma dinâmica com o ensino, revelando-se nele e desenvolvendo-se a partir dele,

num jogo de emoções e valores. Ou ainda, Os professores trabalham em escolas concretas, que servem comunidades específicas, inseridas em regiões ou países distintos. Ensinam alunos com características próprias, em turmas mais ou menos homogêneas, mais ou menos distintas de outras.

1.1.3. Inclusão escolar

A inclusão escolar proporciona a interação de alunos com o transtorno, com outras crianças, Mattos e Nuremberg (2011), esboçam que a inclusão visa modificar os contextos sociais como pré-requisito para possibilitar o desenvolvimento pessoal e social das crianças garantindo possibilidades de exercício da cidadania.

A inclusão contribui para uma melhor interação social, de acordo com Serra, muitos são os benefícios da inclusão escolar, pois, a convivência das crianças com necessidades especiais com as demais crianças pode colaborar com a promoção de aprendizagens diversas (Serra, 2004, p. 6).

Incluir não é só integrar [...] não é estar dentro de uma sala onde a inexistência de conscientização de valores e a aceitação não existem. É aceitar integralmente e incondicionalmente as diferenças de todos, em uma valorização do ser enquanto semelhante a nós com igualdade de direitos e oportunidades. É mais do que desenvolver comportamentos, é uma questão de consciencialização e de atitudes (Cavaco, 2014, p.31).

1.1.4. Autismo

A etiologia da palavra “Autismo” vem do grego “autós”, que quer dizer “de si mesmo” (Ajuriaguerra, 1977). O termo indicava perda de contato com a realidade, ou aqueles que viviam em seu próprio mundo. Posteriormente, Leo Kanner, no ano de 1943, publica artigos revelando a questão do “autismo” presente em 11 crianças diagnosticadas com Esquizofrenia, usando a expressão “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo” (Cunha, 2017).

Marques (2002), esclarece que a proveniência do autismo é grega, sendo que *Autos* significa Eu/Próprio e *Ismo* significa estado ou orientação, o que leva a dizer que é um estado em que o indivíduo é centrado nele próprio, vive no seu mundo.

Para Surian (2010), o autismo é um distúrbio do desenvolvimento neuropsicológico que se manifesta através de dificuldades marcantes e persistentes na interação social, na comunicação e no repertório de interesse de atividade.

Segundo Leboyer (2007), o autismo é um distúrbio de desenvolvimento a tal ponto complexo que nenhum modelo, nenhuma abordagem clínica, metodológica ou terapêutica poderia, por si mesmo, abranger a verdade.

Em 1943, Kanner, usou o termo “autismo infantil”, onde caracterizava um grupo de crianças que apresentavam dificuldades em interagir com outras pessoas, complicações graves de linguagens e uma preocupação com as mudanças a sua volta (Bosa, 2009).

1.1.5. Educação Infantil

Para (Oliveira e Soares, p, 2 .2019) a educação infantil é o verdadeiro alicerce da aprendizagem, que deixa a criança pronta para aprender. Ela socializa, desenvolve habilidades, melhora o desempenho escolar futuro, propiciando à criança resultados superiores ao chegar ao ensino fundamental.

Segundo Barreto, (2010) a Educação Infantil tem uma função pedagógica. Como ponto de partida, é utilizada a realidade e os conhecimentos infantis, sendo ampliados por meio de atividades que têm significados concretos para a vida das crianças, assegurando novos conhecimentos. O autor ainda destaca que o educador na educação infantil deve ter uma maior preocupação com a organização e aplicação das atividades contribuindo assim para o desenvolvimento da criança de 0 a 5 anos.

Segundo Barreto *et al* (2010), a educação infantil engloba todas as modalidades educativas vividas pelas crianças pequenas na família e na comunidade, antes mesmo de atingirem a idade da escolaridade obrigatória.

1.1.6. Transtorno Espectro Autismo

O (TEA) é considerado um transtorno de neurodesenvolvimento e várias são as formas tratáveis, além das formas de intervenções, cada uma com sua importância e adequação individual para cada caso.

Segundo Lacerda (2017) o transtorno do espectro autista é considerado uma conjuntura que ataca aproximadamente 2% da população, pode ser considerada leve

onde somente pessoas próximas ao sujeito percebem) ou considerado grave (onde prejudica o sujeito em realizar atividades simples como falar).

Segundo Lacerda (2017) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e actividades.

Sinais de alerta no neurodesenvolvimento da criança podem ser percebidos nos primeiros meses de vida, sendo o diagnóstico estabelecido por volta dos 2 a 3 anos de idade. A prevalência é maior no sexo masculino. Cunha, e colaboradores (2021)

A identificação de atrasos no desenvolvimento, o diagnóstico oportuno de TEA e encaminhamento para intervenções comportamentais e apoio educacional na idade mais precoce possível, pode levar a melhores resultados a longo prazo, considerando a neuroplasticidade cerebral.

Ressalta-se que o tratamento oportuno com estimulação precoce deve ser preconizado em qualquer caso de suspeita de TEA ou desenvolvimento atípico da criança, independentemente de confirmação diagnóstica.

1.2. Histórico da Síndrome do Espectro Autismo

Nesse capítulo será abordado um breve histórico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), seu conceito, suas principais características e a forma que o diagnóstico é feito. Sendo assim, será tratado também o reflexo do diagnóstico na família e a relevância da estimulação precoce para a criança. O TEA é uma síndrome que pode acometer qualquer pessoa independente de sua raça ou condição econômica. A pessoa com autismo, tem como principais características o prejuízo da fala, da comunicação e da capacidade de se relacionar, Leite; Dantas (2020).

A busca por conhecimento em relação ao TEA, se perdura por décadas. Conforme Schmidt e Bosa (2003), as definições iniciais acerca dessa síndrome, foram feitas em 1943 pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner.

O pesquisador Kanner (1943) realizou um estudo, onde descreveu a condição de 11 crianças consideradas especiais. O termo Esquizofrenia infantil neste período

era considerado sinônimo de Psicose Infantil. Essas crianças eram observadas por Kanner, ele identificou algumas características especiais e diferentes das crianças esquizofrênicas, pois apresentava incapacidade de se relacionarem com outras pessoas e com os objetos, além de apresentarem dificuldades no desenvolvimento da linguagem, muitas não falavam, enquanto que as poucas que falavam apresentavam ecolalia, inversão pronominal e o concretismo.

O comportamento das crianças em estudo, era caracterizado por atos repetitivos e estereotipados, assim não simpatizavam com mudanças de ambiente, gostavam de um contexto inanimado. O autismo se referia a características de isolamento e auto concentração das crianças sugerindo algumas associações com a esquizofrenia.

Já no final da década de 70 Rutter explicou o Transtorno Autista afirmando ser uma síndrome com precocidade de início e por perturbações das relações afetivas com o meio, apresentava incapacidade de estabelecer qualquer relação afetiva e não correspondia aos estímulos do meio. Kanner assim compreendeu que nestes casos o termo autismo não deveria referir-se a um afastamento da realidade com predominância do mundo interior, como se dizia acontecer na esquizofrenia. Portanto, mesmo para ele não haveria no autismo infantil.

Para o desenvolvimento do autista é necessário que os pais explorem a capacidade dos filhos portadores do autismo, de modo que a convivência seja uma forma de vencer as barreiras, pois o ambiente escolar é sem dúvida uma barreira a ser vencida, pois há sempre a questão do olhar e do pensamento alheio.

Para manter a atenção dos alunos durante as aulas é necessário que o professor utilize métodos educacionais que tenham por objetivo fazer com que a criança autista seja de fato incluída e seu processo de ensino aprendizagem efetivado, portanto, muitos estudos são realizados sobre diferentes métodos. Bosa (2006).

Devido a essas características atípicas que as crianças apresentavam de forma precoce, havia muitas dúvidas em relação as causas do TEA. Na década de 1960, conforme Klin (2006), foram realizados vários apontamentos acerca do TEA. “Sugerindo que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais investigados.

Vale ressaltar que o termo autismo gerou muitos questionamentos nas décadas de 1960 e 1970, pois a sua origem e causa eram desconhecidas. A ideia de que era causado devido à ausência de afetividade nas relações familiares conforme afirmava Kanner, deu origem ao termo “mãe geladeira” complementam que: O conceito de autismo foi modificando-se com base em pesquisas científicas, as quais identificaram diferentes etiologias, graus de severidade e características específicas ou não usuais, deixando então de ser considerado um quadro único e passando a ser visto como uma síndrome.

Além disso, estudos epidemiológicos constataram uma incidência maior de autismo em meninos do que em meninas. “Uma das melhores explicações para tal fato é que o Autismo é uma condição genética ligada ao cromossomo X, tornando, assim, os homens mais vulneráveis” Azevedo; Gusmão (2016).

A pessoa com TEA possui características peculiares que podem ser percebidas até mesmo num bebê, pelas pessoas próximas a ele. Tais características são permeadas por dificuldades que prejudicam o desenvolvimento do indivíduo e que vão acompanhá-lo por toda sua vida (Zanon c, 2014).

Em síntese, Leite e Dantas (2020), dizem que o TEA é uma condição caracterizada por um transtorno mental, que afeta tanto a comunicação, como a linguagem e o comportamento, assim como a interação social com o mundo.

As autoras explicam que os sinais do transtorno geralmente aparecem entre os dois ou três anos de idade. O termo “Espectro” é caracterizado como (escala) por apresentar 11 quantidades crescente de dificuldades interacionais no meio social, cognitivo e específico do autismo Leite; Dantas (2020).

O DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), tido como referência para profissionais da área da saúde mental, estabelece que: O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger (DSM-V, 2013).

O TEA conforme o DSM-V é classificado em três graus: “Grau leve (Nível 1), necessidade de pouco apoio. Grau moderado (Nível 2), necessidade de apoio

substancial. E o Grau severo (Nível 3), que precisa de necessidade de apoio muito substancial, Leite; Dantas (2020).

Esses graus de classificação do TEA indicam os prejuízos no desenvolvimento que a pessoa pode ter. Vale salientar, que a pessoa com autismo tem dificuldade para interpretar as formas distintas da linguagem, não compreendem quando algo é dito no sentido figurado, sua interpretação é feita de forma literal, Locatelli; Santos (2016). O contato visual e físico, o barulho, as manifestações de afeto, bem como a falta de rotina lhe causam desconforto ou até mesmo uma certa desorientação, Locatelli; Santos (2016).

Nesse sentido, as autoras complementam que: pessoas com autismo têm atração por movimentos circulares, podem passar hora fascinada com o giro de um cata-vento ou de um ventilador. Assim, pode-se afirmar que o autista é um indivíduo metódico, o “mundo” do autista é aquele que não se modifica, qualquer variação do seu “mundo” lhe traz ao extremo desconforto, Locatelli; Santos (2016).

Com a percepção desses comportamentos atípicos da criança, bem como de suas características, sua família tende a ir buscar ajuda e optam por encaminhar à criança à alguma especialidade médica, visando um diagnóstico.

Nessa fase, “Cabe aos pais compreender, portanto, as reais necessidades do seu filho e aceitar principalmente suas diferenças, para que possam deixar de lado o medo de serem inadequados, buscando auxílio e informação a respeito da sua condição”, Onzi, G (2015).

Conforme Onzi e Gomes (2015), afirmam que apesar de vários estudos acerca do autismo, ainda não existe um exame específico para diagnosticá-lo “12 apenas dados clínicos, levando em consideração histórias e observação do comportamento. Os exames disponíveis apenas permitem detectar doenças associadas ao autismo.

Dessa forma, o diagnóstico precoce é de suma importância para que a criança seja direcionada a um tratamento que atenda às suas necessidades e desenvolva suas potencialidades, Locatelli; Santos (2016).

Desse modo, suas chances de se desenvolver aumentam por intermédio das intervenções precoces.

Partindo desse pressuposto, Teixeira (2010) afirmam que o essencial é entender a necessidade em atender precocemente as crianças suspeitas dessa síndrome. Antes mesmo de receber o diagnóstico final, as famílias de crianças autistas (ou pelo menos com suspeita), necessitam iniciar o processo da estimulação, como em qualquer outra criança com suspeita de atraso motor ou mental.

É importante que a estimulação seja iniciada mesmo quando apenas há suspeitas do TEA, pois o diagnóstico pode demorar. A partir do momento em que a criança é diagnosticada, começa a busca de um tratamento que venha atender às suas necessidades. Como o TEA prejudica o desenvolvimento em diferentes aspectos e cada pessoa é acometida de uma forma, os tratamentos são pensados de forma individual, para que venham atender cada indivíduo de acordo com suas especificidades, Onzi, G(2015).

Endossando essa concepção, as autoras explicam que o TEA não tem cura, a busca pelo tratamento específico porta consigo, entretanto, a importância de atenuar os déficits apresentados, pois, alguns tratamentos podem ser mais eficazes para uns e menos para outros.

Por outro lado, ao passo que há uma busca desenfreada para fechar um diagnóstico, a presença dele pode refletir de forma positiva ou não na relação familiar, pois é o momento que é feita a inevitável reflexão de ter um filho com TEA e os desafios que essa condição representa.

Na tentativa de fechar o diagnóstico, a atenção dos envolvidos está totalmente focada na criança. Ao ser diagnosticada ela é encaminhada às especialidades médicas, porém não é comum a família receber acompanhamento psicológico. No entanto, acabam recebendo apoio e ajuda de pais que também estão passando pelo mesmo processo difícil de aceitação, Serra(2010).

A partir do momento que se espera o nascimento de um filho, o desejo predominante entre os pais e familiares é que ele nasça saudável. É criada uma expectativa muito grande em torno dessa criança e ela passa a ser idealizada , Serra(2010).

Por outro lado, assim que a deficiência é diagnosticada a família da criança com autismo passa por diversas frustrações e dificuldades que se perduram durante todo o seu desenvolvimento.

As expectativas geradas em torno desse filho se desfazem, pois, a realização de ter um filho completamente perfeito se distancia. Não se espera ter um filho com TEA e diante desse fato, há a necessidade de reinventar as expectativas relacionadas a ele, Onzi; Gomes (2015).

Segundo Serra, (2010) afirma que nessa fase os pais tendem a se isolarem. Da notícia à aceitação da realidade, o caminho é longo e tortuoso e nem todos os pais conseguem superar o momento do luto do filho saudável. É comum haver a separação dos pais devido à deficiência do filho, muitos acabam se culpando e a separação acaba sendo iminente. Passado o período de luto simbólico, a forma como a família se posiciona frente à deficiência pode ser determinante para o desenvolvimento do filho.

Nesse sentido, Abreu colaboradores (2012) complementam que o impacto das dificuldades inerentes ao Autismo sobre a família vai depender de uma complexa interação entre a gravidade dos sintomas da criança e as características psicológicas dos pais, tais como auto eficácia percebida, locus de controle, e estilo de enfrentamento, bem como a disponibilidade de recursos comunitários e sociais.

Assim, a maneira que os pais lidam com as limitações de seus filhos com TEA, é um fator determinante para seu desenvolvimento. Devido a essas dificuldades que a família enfrenta, a possibilidade da vinda de outro filho com a mesma condição é temida por eles e independentemente do tipo da relação familiar, uma crise acaba surgindo, Serra (2010).

Diante do fato de ter um filho com TEA cada familiar reage de uma forma, a mãe é a pessoa que mais se sobrecarrega para se dedicar a ele. É comum ter que optar entre a sua profissão, vida acadêmica e os cuidados exclusivos do seu filho ,Serra (2010).

Estudos comprovam graus de estresse elevados em pais de crianças autistas, inclusive maiores do que em famílias que possuem filhos com Síndrome de 14 Down, acometendo de forma acentuada às mães. Esse estresse está relacionado a dificuldade de comunicação e ao aspecto cognitivo da criança, Schimidt; Bosa (2003).

Serra (2010) complementa que: É nesse cenário que fica a carga da mulher a paralisação da vida profissional e a manutenção das tarefas dos demais membros. A família costuma ter sua renda reduzida em razão da permanência da mulher em casa

e as despesas aumentadas, já que os gastos com terapias e tratamentos específicos duram por quase toda a vida da criança, Serra (2010).

Em outras palavras, a mulher em muitos casos deixa de trabalhar para se dedicar ao seu filho e com isso a renda familiar é reduzida, reforçando ainda mais o estresse familiar. Novos desafios surgem com o crescimento da criança, tornando necessário aos pais reformularem suas ações constantemente. Nesse sentido, a convivência familiar sofre oscilações frequentes, Schmidt; Bosa(2003).

Algumas pessoas acreditam que crenças e valores familiares, bem como a religião, influenciam no processo de adaptação e tratamento. Estes aspectos podem ser fatores decisivos em relação aos cuidados da criança. Acreditam também que “crenças permitem aos pais acreditar terem sido especialmente selecionados para lidar com seu filho com problemas, ou ainda, que estes recebem “forças” para executar esta tarefa” Schmidt; Bosa (2003).

Desse modo, a família exerce um papel extremamente relevante no processo de desenvolvimento da criança com TEA Serra (2010).

À medida que a criança cresce, os pais tendem a responder de diferentes formas a sua deficiência, geralmente a comparam com outras crianças da mesma idade e essas comparações nem sempre são positivas. Observam a diferença do nível de desenvolvimento, levando-os a pensar que seu filho não está evoluindo, Serra(2010).

Muitas vezes os pais acabam não ensinando ao seu filho o autocuidado por duvidarem de sua capacidade. Muitos optam por infantilizar a criança e tais atitudes dificultam que ela desenvolva a sua independência e autonomia, Serra(2010).

Corroborando com essa concepção a autora complementa que: Os pais precisam lembrar a realidade dura, mas imutável, de que não são eternos. Precisam outorgar os cuidados de seu filho especial a algum familiar ou pessoa de sua convivência que se disponha, mas também preparar o seu filho para a vida independente, com comportamentos socialmente aceitos, Serra (2010).

Na tentativa de promover a independência, é necessário que os pais acreditem no potencial dos seus filhos. Possibilitando que seu desenvolvimento ocorra por meio das intervenções precoce, dessa forma, tornando possível diminuir as dificuldades e trazendo novas possibilidades de desenvolvimento à criança, Serra(2010).

Estudos apontam que a intervenção realizada de forma precoce é vista como uma grande aliada para o desenvolvimento da criança, possibilitando melhoras significativas, Zanon colaboradores (2014).

Por intermédio das intervenções, pode se ter um prognóstico “incluindo maior rapidez na aquisição da linguagem, facilidade nos diferentes processos adaptativos e no desenvolvimento da interação social, aumentando sua chance de inserção em diferentes âmbitos sociais” Onzi; Gomes(2015).

Segundo Zanon Colaboradores (2014), complementam que devido à plasticidade cerebral, a precocidade do início da intervenção desempenha papel importante, potencializando os efeitos positivos da mesma. Ademais, estudos indicam que os ganhos decorrentes da intervenção precoce podem reduzir consideravelmente os gastos dos familiares no tratamento das crianças.

Vale ressaltar que, devido a plasticidade cerebral quanto mais cedo os pais procurarem um especialista, a criança terá mais chances de se desenvolver. As intervenções possibilitam à pessoa com autismo ter contato com o mundo considerado “normal”, tornando-o mais acessível, Locatelli; Santos (2016).

As autoras complementam que: A intervenção multidisciplinar se destaca por possibilitar, significativamente, a melhora na qualidade de vida do autista, respeitando o nível de desenvolvimento e particularidades de cada criança. Este tratamento consiste na orientação da família e no desenvolvimento da linguagem e comunicação da criança autista, Locatelli; Santos(2016).

Para que as intervenções tragam ganhos positivos, vindo a favorecer a promoção significativa do desenvolvimento da criança, a comunicação se faz necessária entre os especialistas que compõem a equipe multidisciplinar “tais como: psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia e terapia ocupacional, além de psiquiatria e neuropediatra; familiarizados com o problema” Locatelli; santos(2016).

A equipe deve ser incumbida de informar aos pais o diagnóstico de seus filhos. A empatia deve predominar nesse momento, aproveitando para estabelecer uma relação de confiança e parceria Onzi; Gomes (2015).

A intervenção é prejudicada quando há a demora na detecção das primeiras dificuldades no comportamento da criança, na busca pela ajuda profissional e na realização do diagnóstico nesse sentido, é imprescindível buscar ajuda de um

profissional ao notar características consideradas fora do normal apresentadas pela criança Zanon e colaboradores (2014)

1.3. Entendendo como o Professor Trabalha com Crianças com TEA na Educação Infantil.

O Ministério da Educação (MED) responsável pela educação da criança deficiente e a educação especial é uma modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para pessoas com necessidades educacionais especiais, desde a educação infantil ao ensino superior.

Educação inclusiva implica uma possibilidade legal de educação para todos, educação que visa reverter à exclusão, ao criar estruturas e espaços que cuidem de pessoas com necessidades especiais, é necessário, portanto, sobretudo, uma transformação das atitudes e mentalidades dos professores e de toda a comunidade escolar, para que eles, sobretudo administrem e convivam com o um espaço educacional que está muito bem estabelecida todas as condições para realizar a inclusão Brasil (2019) Para Pinto (2013; Alves, 2014; Guiterio (2016); Silva (2016), em estudos a prática pedagógica e os projetos educacionais das instituições trazem a prática dos docentes como objeto de pesquisa para melhor compreender o trabalho com crianças com o Transtorno de Espectro Autista (TEA), a educação infantil é a base de uma criança em idade escolar e é de extrema importância para o desenvolvimento da criança com necessidades especiais ou não.

Entretanto no processo educacional o professor com sua percepção de educação inclusiva é um fator primordial, Estudos vem mostrando que a educação infantil enfrenta problemas, como, a falta de capacitação de recursos humanos entre outros, Kuhlmann (1999); Palhares; Martinez (1999); de Vitta; Emmel(2004).

Existem várias questões que envolve o professor e o aluno incluso seja a preparação para incluir a criança com necessidades especiais, e o conceito que cada docente terá para lidar com a adversidade dentro de sala de aula. Cada professor é um responsável sobre suas atitudes escolher como lidar com cada aluno em estado de inclusão é um desafio e é escolha que representar um dos mais importantes fatores para o sucesso da escola inclusiva, Gomes; Barbosa, (2006).

SantAna (2005) relata que para os professores e diretores existe sim muitas as dificuldades de inclusão e que elas estão relacionadas a formação de práticas

educacionais o que também é essencial à promoção da mesma e à falta de apoio para que esses docentes se especializem.

Para Aguiar e Duarte (2005), a falta de reciclagem para educadores de educação física é a principal dificuldade para incluir 7 alunos com necessidades especiais, falta desde cursos de reciclagem passando pelas dificuldades de ter em uma escola auxiliares técnico pedagogo especializado, não existe estruturas adaptadas do espaço físico e material didático adequado.

Já Silveira e Neves (2006) relataram as concepções que problematizam a dificuldade de inclusão escolar dos deficientes múltiplos, sendo está vinculada à própria dificuldade no acompanhamento de conteúdos ministrados.

Lacerda (2006) mostrou que as principais dificuldades dos professores no processo de inclusão do aluno surdo no ensino regular são o desconhecimento sobre a surdez e sobre suas implicações educacionais, a interação professor/intérprete e a incerteza em relação ao papel dos diferentes atores neste cenário, as adaptações curriculares e estratégias de aula, resultando na exclusão do aluno surdo de atividades.

No site da nova escola Sestari (2021) relata os seus receios de quando entrou numa sala de aula com criança inclusa, esse receio era porque ela não tinha conhecimento sobre o assunto, mesmo tendo um bom intensão de acolher e apoiar esse aluno. Sempre me recordo da insegurança que eu, jovem professora, senti na primeira experiência desse tipo anos atrás. A minha intenção de acolher e apoiar era das melhores, mas eu não tinha muitos conhecimentos sobre o assunto.

Então, a primeira criança foi meu grande mestre, e me ajudou primeiro a desmistificar eventuais pré-conceitos decorrentes do meu escasso convívio com indivíduos com deficiência na fase escolar, e depois, me impulsionou a aprender sobre o tema por meio de pesquisas, cursos de aperfeiçoamento e mesmo com o contato com outros profissionais, como psicólogo, Sestari (2021).

A professora Paula Sestari o seu receio quando encarou uma sala de aula inclusiva e viu que precisava se qualificar naquele assunto e para isso procurou meios para essa qualificação, a docente que se qualifica apresenta um trabalho de qualidade para seus alunos inclusos e não inclusos e no final todos ganham escola, família, professor e aluno.

Inclusão de Estudantes de Educação Infantil com Comprometimento Docente. Alves, Lisboa e Lisboa (2010) ressaltaram a complexidade do quadro clínico do autismo e a necessidade de ser tratado por abordagens multidisciplinares, embora tenham afirmado que existe a possibilidade de a pessoa com autismo, dependendo do grau de comprometimento, aprender e integrar-se à sociedade, especialmente devido ao papel da escola na vida de cada um desses indivíduos.

Nessa mesma direção, Carvalho e Oliveira (2009) afirmaram que crianças com autismo podem se desenvolver no processo de aprendizagem, socialização e interação social, principalmente quando o aluno pode contar com um professor capacitado e suporte de uma equipe multidisciplinar.

Para Pinheiro, Ziede (2014) A inclusão somente acontece, se acredita que todas as crianças podem aprender, tendo acesso igualitário a um currículo básico, diversificado e uma educação de qualidade. Com a característica de manter um ensino que compõe a estimulação precoce, sendo composto por rotinas, atividades lúdicas, também é desenvolvido habilidades no processo de interação social aprendizagem e fazendo com que nessa criança seja desenvolvido um processo plenamente enriquecedor, a criança com TEA tem muito a aprender e se desenvolver na educação infantil, para que essa criança seja assistida conforme.

Dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado. E necessário remodelar toda a metodologia de a aprendizagem, bem como possuir um ambiente incentivador, explorando o lúdico como princípio da aprendizagem, dando também ênfase nas reformas sócio ambiental, sendo assim reformulada os ambientes como salas de aula, salas de recursos pedagógicos, bem como toda estrutura da escola.

Para que os docentes tenham mais ênfase nas suas metodologias escolhidas para lidar com alunos com TEA é necessário um apoio governamental pois a preparação que o professor tem quando está em uma faculdade , não é nada comparada com a que o docente vai enfrentar quando estiver em sala de aula, Apesar de a docência ter tido muitos avanços na parte escolar mais diretamente na educação infantil, temos muitas arestas que ainda afetam um ensino de qualidade, a principal delas é a competência habilitada do docente a fim de executar sua função no atendimento a crianças nessa faixa etária.

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade. Sendo assim, ainda o Referencial Curricular afirma que o trabalho direto com as crianças pequenas exige que o educador tenha uma competência polivalente.

Ser polivalente significa que ao educador cabe trabalhar com conteúdo de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento.

Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla e profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação.

Pensando na perspectiva da prática docente na inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), de modo particular na educação infantil, visto que o contato do professor é de maneira direta e permanente com a criança.

Nesse período um novo cenário que se apresenta, vem de uma grande transformação que vivemos na sociedade devendo o professor estar preferivelmente qualificado para atender as variedades de circunstância que ele vive nas atuais conjunturas da sua rotina escolar, tendo como exemplo, a educação e inclusão de crianças com TEA.

A qualificação do docente é indispensável para que esse processo ocorra na mais naturalidade possível fazendo também o uso da intervenção pedagógica apropriada, que o papel seja desenvolvido como fomentador do desenvolvimento integral da criança, iniciado a partir de condições propostas em sala de aula, Barbosa et.al. (2013).

1.4. Educação Infantil Na Perspectiva Inclusiva

A inclusão no espaço da Educação Infantil tem sido palco de inúmeras discussões. Muitas vezes, a efetiva inclusão não acontece devidamente na prática, pois incluir não é apenas receber o aluno, mas criar possibilidades de aprendizagem, com as devidas modificações no currículo, na prática pedagógica e nas estruturas físicas na escola.

Na Educação Infantil, o atendimento das crianças de 0 a 3 anos deve ocorrer em creches e de 4 a 5 anos e 11 meses na pré-escola; trata-se da primeira etapa da educação básica e seu objetivo é o desenvolvimento integral da criança. No tocante as propostas pedagógicas, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) norteia o trabalho pedagógico com esse público:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura, Brasil (2009).

As Diretrizes apresentam princípios fundamentais para a prática de ensino na Educação Infantil, as propostas pedagógicas são norteadas a serem desenvolvidas considerando os aspectos éticos, políticos e estéticos, no intuito de oportunizar o desenvolvimento integral dos pequenos.

Podemos verificar a perspectiva inclusiva no documento, quando ele dispõe acerca do desenvolvimento dos aspectos Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e 13 do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

A valorização dos indivíduos por meio das singularidades é destacada, percebe-se que a primeira etapa da educação básica busca favorecer uma educação para todos, com oportunidades iguais, em meio às diferenças.

Apresentamos cinco direitos de aprendizagem: brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se. Esses direitos são fundamentais para o desenvolvimento dos pequenos. Por meio do brincar, as crianças participam de interações coletivas e participam de experiências grupais que a conectam com o ambiente. O direito de

participar deixa claro, que tanto as situações de brincadeira, quanto as de atividades precisam estar acessíveis para garantia do direito às vivências realizadas na escola.

Para Dutra (2014), é necessária a construção de novas práticas de ensino, que considerem o diferente, entendendo que âmbito escolar é diverso, heterogêneo e a individualidade de cada educando precisa ser valorizada. Cabem as escolas conhecer melhor o seu público, pois o ensino é um ato intencional e deve ser pautado em necessidades reais que estão presentes na vida das crianças.

Historicamente as práticas de ensino foram excludentes, pois as ações pedagógicas eram pensadas de forma global, sem considerar as necessidades das crianças com deficiência e demais particularidades, repensar o ato pedagógico é fundamental para garantir os direitos de aprendizagens adequadamente.

O mapeamento das dificuldades apresentadas pelas crianças deve ser realizado pela escola, em todo o desenvolvimento do ensino, dessa forma por meio das avaliações constantes, as instituições de ensino possuirão bases para direcionar o trabalho pedagógico, pois este deve estar de acordo com o que a criança precisa desenvolver, Dutra (2014).

Não existe um trabalho pronto, por meio da ação-reflexão-ação é que o processo de ensino pode ser construído, a perspectiva deve ser sempre valorizar cada personalidade que na escola se encontre, para a propagação do respeito a partir da diversidade.

Colaborando com esse pensamento, Dutra (2014) mencionou uma Educação Inclusiva significa oferecer oportunidades equitativas a todos os alunos, incluindo também aqueles com deficiências severas, e para a realização desse atendimento especial relacionado à sua especificidade, devendo ser levado em consideração vários aspectos, tais como: idade, localidade, etc., com intuito de prepará-los para uma vida digna e participativa na sociedade vigente.

Não há uma técnica específica para o desenvolvimento da inclusão, mas principalmente na Educação Infantil é de extrema importância que os laços pedagógicos sejam formulados com base na confiança e quando as crianças fazem parte de um ambiente acolhedor, o vínculo com a escola se torna uma realidade.

Dutra (2014) afirmou que: Inclusão implica comprometimento e planejamento de políticas públicas, da comunidade escolar e da família, que possam disponibilizar

oportunidades de aprendizagem, entendendo-se como uma forma heterogênea de educação, adequada à singularidade de cada criança.

Para incluir um aluno com necessidades especiais em um ambiente escolar, seria preciso entender que a escola é um lugar repleto de diferenças.

O trabalho deve ser pautado no respeito às diferenças, a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, sendo assim precisa ter seu currículo acessível, pois desde pequenas as crianças devem ser propiciadas a fazer parte de um ambiente que valorize as individualidades, para que assim possam sentir o devido acolhimento, podendo assim se desenvolver.

Conforme Pinto (2017), os espaços sociais devem criar meios para a criança se desenvolver, a escola enquanto ambiente de interações deve buscar desenvolver uma pedagogia que acolha o diferente e faça-o se sentir importante e pertencente à escola.

Os pequenos precisam de muito afeto nas interações, para que se sintam valorizados. “Mudanças também serão necessárias para a promoção da acessibilidade ao espaço físico, tais como: a criação de rampas, elevadores, sinalizações sonoras ou com texturas, banheiros, dentre outros recursos adaptados.” Pinto (2017). São nos primeiros anos de vida que devem ocorrer os estímulos de linguagem, cognição, psicomotricidade e demais aspectos relacionados ao desenvolvimento humano.

A Educação Infantil é o momento propício para que esse trabalho seja desenvolvido, cabe a equipe pedagógica planejar ações de ensino que torne a criança protagonista desse processo, por meio de atividades diferenciadas, quando necessário, para favorecer uma aprendizagem significativa e diversa.

Contudo, não basta apenas receber a criança na escola, um trabalho inclusivo é possível quando o currículo escolar, a prática pedagógica e a interação com a criança se complementam, visando promover uma educação para a diversidade, com planejamentos, atividades direcionadas e avaliações constantes sobre o fazer pedagógico, pensado para promover educação com equidade.

Para trabalhar com a diversidade é necessário compreendê-la, por isso é fundamental 15 profissionais capacitados para desenvolver um trabalho que venha trazer desenvolvimento para pessoas com deficiência existentes na sala de aula,

transtornos e outras características que se apresentam no meio escolar, Batista (2006).

A escola precisa garantir boas estruturas físicas para que crianças com deficiência possam ter acessibilidade e assim frequentar as aulas sem nenhuma impossibilidade, tendo dessa forma o seu direito de ir e vir respeitado.

As crianças com necessidades específicas devem ser incluídas efetivamente, cabe as instituições e ao profissional docente adequar as atividades de acordo com o nível de aprendizagem das crianças. Cada educando pode construir o seu conhecimento, quando lhes são direcionadas situações pedagógicas que auxiliem o seu desenvolvimento, considerando que os indivíduos não aprendem da mesma forma, nem no mesmo ritmo. Mesmo com certas limitações, a criança tem o direito de ter acesso a uma educação de qualidade que busque sua emancipação, mesmo diante das adversidades.

O acesso e bom uso das tecnologias tem transformado o dia a dia das pessoas, esse contexto também deve ser garantido e efetivado para as pessoas que apresentam deficiência, pois os recursos, principalmente de Tecnologia Assistiva, podem facilitar o aprendizado e as escolas devem proporcionar o aprendizado dos alunos.

Os sistemas de governo precisam equipar as escolas, para que estas tenham a referidas condições de ensino, para que se possa fazer valer o processo de inclusão. Nas instituições de Educação Infantil, brinquedos e brincadeiras também devem ser acessíveis para possibilitar o desenvolvimento integral de todas as crianças.

Diante dessa perspectiva, verifica-se que o comprometimento governamental é fundamental para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, que necessitam de condições iguais em seu dia a dia, para se desenvolver e ter o mínimo de dignidade humana.

De acordo com Melo (2007), não é qualquer profissional na área da saúde que tem as 19 devidas competências para diagnosticar o autismo, este deve ser realizado por um profissional especializado. São habilitados para esse contexto um médico neuropediatra ou um psiquiatra que tenha especialização em TEA.

Considerando o exposto, nota-se que no ambiente escolar, muitas vezes os professores identificam esse comportamento, mas vale ressaltar que os profissionais

da educação não estão aptos a fazer um diagnóstico. Portanto, cabe apenas desenvolver relatórios sobre suas observações referentes ao comportamento, interação e desenvolvimento, nos seus diversos aspectos, das crianças. Com relação ao diagnóstico, são necessárias algumas etapas, nas avaliações são consideradas: comportamento, interação social e comunicação.

Essas são características comuns no processo de diagnóstico do TEA Mello (2007). Em apenas um contato com o indivíduo não é possível diagnosticar com total certeza se a criança possui o TEA, por isso é necessário um processo de várias consultas, para que a conclusão do diagnóstico não seja errônea.

Oliveira (2016) trouxe informações relevantes sobre estudos recentes sobre o TEA: Pesquisas mais recente demonstram uma série de fatores que justificam toda essa dificuldade de comunicação e interação das pessoas com TEA.

Dados mostram que as estruturas cerebrais apresentam sintomas bem diferenciados de uma pessoa com TEA para uma pessoa que não possui TEA.

Segundo pesquisa, os neurônios (células nervosas) das pessoas com TEA estariam com seu funcionamento comprometido. (Oliveira, 2016,).

Na visão de Silva e colaboradores (2012), uma das dificuldades que prejudica a interação social da criança com TEA é a dificuldade desvendar intenções, sensações, emoções e atitudes das pessoas, fato que gera uma falta de estabelecimento de vínculo, devido à ausência de confiabilidade.

Para estabelecer proximidade com o outro, o indivíduo com TEA pode necessitar de um longo processo de adaptação, para que se sinta seguro na relação.

Como a criança com TEA pode ter dificuldades em realizar tarefas, algo que lhe ajuda são os estabelecimentos de rotinas, pois, como é acostumado a realizar atos repetitivos, a organização sequencial de tarefas ajuda-a a melhor organizar a mente Silva colaboradores (2012).

Por meio das rotinas, o pensamento desorganizado da criança com TEA passa a compreender melhor os comandos estabelecidos em uma rotina, e quando a realiza diariamente, seu nível de confiança no desenvolvimento de tarefas evolui. Crianças com TEA podem ser detalhistas, se apegar a pequenas verificações que podem fazer,

de acordo com seus interesses particulares, assim sendo podem apresentar grandes dificuldades na compreensão total de um contexto real. Silva e colaboradores (2012).

CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo trata-se das especificações relativas a forma de realização do estudo.

Segundo Bruyne (1991), a metodologia é a lógica dos procedimentos científicos em sua gênese e seu desenvolvimento, não se reduz, por tanto, a uma “metrologia” ou tecnologia da medida dos factos científicos.

A metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados. Bruyne (1991)

Assim sendo, serão definidas as características da pesquisa, a metodologia aplicada, abordagem da pesquisa, as técnicas de amostragem e colecta de dados e à forma de análise dos dados.

2.1. Tipo de pesquisa

A pesquisa é do tipo descritiva. Conforme sustenta Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Entretanto, as pesquisas descritivas geralmente assumem a forma de levantamentos. Quando o aprofundamento da pesquisa descritiva permite estabelecer relações de dependência entre variáveis, é possível generalizar resultados.

2.2. Modelo de abordagem

Para o desenvolvimento e fundamentação do presente estudo e o cumprimento de todos os objectivos preconizados, decidimos que esta pesquisa seja feita a partir de uma abordagem mista (abordagem qualitativa e abordagem quantitativa).

Segundo Michel (2005,p. 20) “a abordagem qualitativa permite-nos a descoberta, a identificação, a descrição aprofundada e a geração de explicações. Busca o significado e a intencionalidade dos actos, das relações e das estruturas sócias”.

A abordagem qualitativa permite a recolha e análise de dados que dado a sua natureza um tanto ou quanto subjectiva, a outra abordagem não facilitaria a sua observação.

No que toca à abordagem quantitativa Michel (2005, p. 21) “considera-a como uma actividade de pesquisa que se recorre à quantificação, quer no momento de recolha de informação, quer no momento de tratamento desta. Visa também a apresentação e a manipulação numérica de observações com vista à descrição e à explicação do fenómeno sobre o qual recaem as observações.” Ela estará presente nos cálculos estatísticos que nos permitem determinar a amostra e também o tratamento dos dados.

2.3. Nível de estruturação de métodos de pesquisa

Nível teórico

Histórico - lógico: este método serve para compreender o contexto histórico da contribuição dos e encarregados de educação ao longo dos tempos, nas varias épocas da história da humanidade.

Analítico - sintético: com este método de pesquisa possibilite realizar uma análise do fundamento teórico de vários autores, mostrando os aspectos convergentes e divergentes, assim como a analisar os resultados dos instrumentos aplicados e chegar a algumas conclusões.

Nível empíricos/ experimental

Observação: recolheremos dados sobre o comportamento dos professores e alunos e os pais ou encarregados de educação, bem como na recolha de certos documentos da instituição e muito deles fazem parte dos anexos.

Análise documental: este método serve para a recolha de dados a partir de questionário construído e de certos processos arquivados pela direcção, assim como actas de reuniões com os encarregados de educação.

Questionário

Usou-se a técnica da elaboração de questionário com perguntas fechadas, que será elaborada pelos autores e validadas pelo orientador, posteriormente vai ser

aplicado esse questionário. Que teve como objectivo compreender a importância da relação escola/família no rendimento escolar dos alunos .

Nível matemáticos estatísticos

Análise percentual

Os dados foram analisados por itens e tábulo através de gráficos, utilizando para o efeito o cálculo percentual.

2.4. Técnicas de coleta de dados

Do ponto de vista empírico, a classificação das técnicas utilizadas se baseiam aos critérios classificatórios do “Existem várias técnicas de colecta de dados. As mais importantes são: o questionário, a entrevista, a observação, os testes e o estudo documentário, Marconi; Lakatos, (2003p. 103).

Observação direta do quotidiano escolar: Em função dessa técnica efetuou-se a observação do ambiente físico, bem como o papel dos gestores e professores da escola primária nº 6087- João Manuel filho Diboba.

Usou-se a técnica da elaboração de questionário com perguntas fechadas, que foram elaboradas pelos autores e validadas pelo orientador, posteriormente aplicou-se esse questionário que tinha como objectivo alcançar respostas para seguintes questões elaboradas, após a aplicação do mesmo.

2.5. Instrumentos e procedimentos

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário dirigido a direção, aos professores.

Para Marconi e Lakatos (2005, p. 203) "questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito sem a presença do entrevistador".

Os dados foram analisados por perguntas e tabelas através de gráficos, usando para tal o programa Word versão 2013, que possibilitou ter uma visão dos dados percentualmente através dos números e interpretativa dos gráficos.

2.6. População e amostra

Para Hill (2002, p.41) define a população de uma pesquisa como sendo o conjunto total dos individuais sobre os quais se pretende retirar conclusões.

Segundo (França, 2007), a “amostra” é um subconjunto representativo da população em estudo. Essa representatividade da amostra, que é uma propriedade altamente desejada em estatística, ocorre quando ela apresenta as mesmas características gerais da população da qual foi extraída.

Para Lakato e Marconi (2003 p.163), A amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo população.

Designação	População	Amostra	%
Professores	28	10	100
Membros de direcção	3	00	00
Total	31	10	100

Fonte: Elaboração Própria 2022/2023

A nossa população foi de 31 professores incluindo os dois membros de direcção.

Assim, a nossa amostra aleatória foi de dez (10) professores que pré-fase os 32% da população alvo.

2.7. Dificuldades encontrada

No decorrer da nossa pesquisa as dificuldades que tivemos foram as seguintes:

Dificuldades financeiras; Escassez de tempo dado para a realização do trabalho; Dificuldades em termos de recolha e selecção dos materias para elaborar a fundamentação teórica, Dificuldade de compreensão de uso das normas e técnica.

2.8. Caracterização do campo de pesquisa

A escola primária nº 6087 esta localizada na Republica de Angola, província de Luanda , Município de Icolo Bengo, comuna de Cabire.

A instituição conta com um quadro de profissionais de 18 docentes, um director e dois subdirectores, Pedagógico e Administrativo. A escola em epígrafe conta com um agente auxiliar de limpeza e dois agentes de segurança.

Relativamente a infra estrutura, a escola primária nº 6087 conta com sete (7) salas de aula, seis quartos de banhos e um campo multi uso.

Portando, no capítulo seguinte iremos apresentar os resultados do questionário aplicado aos professores expressando os seus níveis de conhecimentos quanto ao TEA.

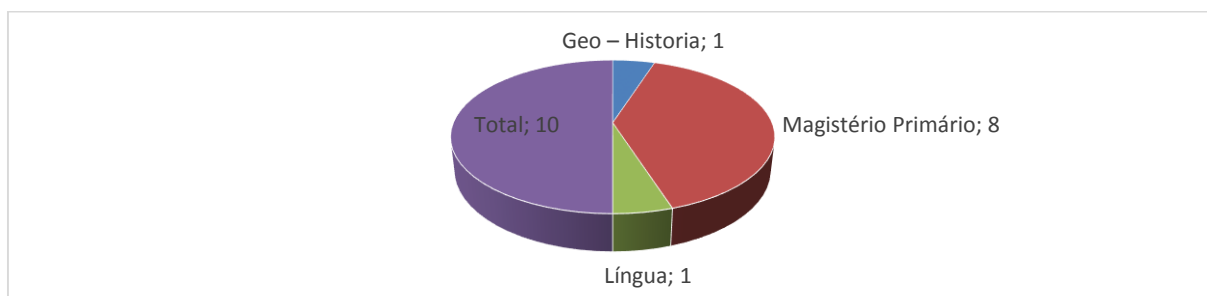
CAPÍTULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS

Este capítulo trata sobre a apresentação e interpretação dos resultados do conhecimento dos professores do ensino primário sobre a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista na educação infantil, na escola do ensino primário nº6087 João Manuel filho (diboba), do município do Icolo Bengo/Luanda no ano lectivo 2022/2023.

3.1. Inquérito aplicado aos professores e direcção da escola

Tabela e gráfico nº 01. Especialidade

Designação	Frequência	%
Geo – Historia	1	10
Magistério Primário	8	80
Língua	1	10
Total	10	100

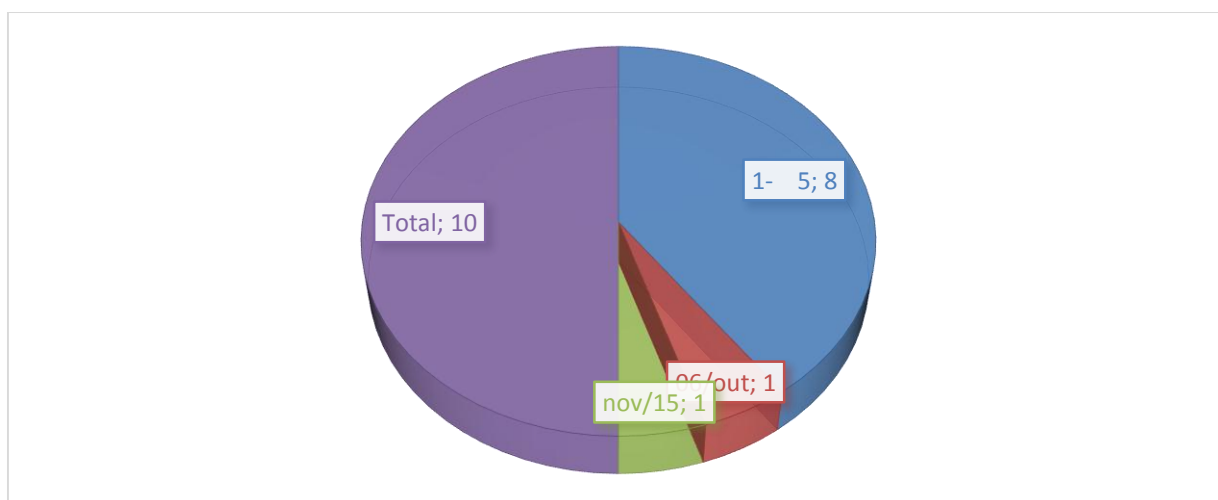


Fonte: Elaboração própria, 2022/2023

Segundo a tabela e gráfico nº 01 sobre a especialidade dos docentes pode se constatar que dos 10 professores inquiridos que corresponde à 100%, portanto 8 professores inquiridos que correspondem à 80% tem a formação do magistério primária. Um professor que corresponde à 10% é formado em geo-história. E um professor que corresponde à 10% é formado em língua. O que perfaz o total de 100%. Uma vez a escola é do ensino primário, pelo quadro de pessoal que tem é de felicitar a formação da maioria dos professores.

Tabela e gráfico nº 02. Tempo de serviço

Designação	Frequência	%
1- 5	8	80
6-10	1	10
11 -15	1	10
Total	10	100

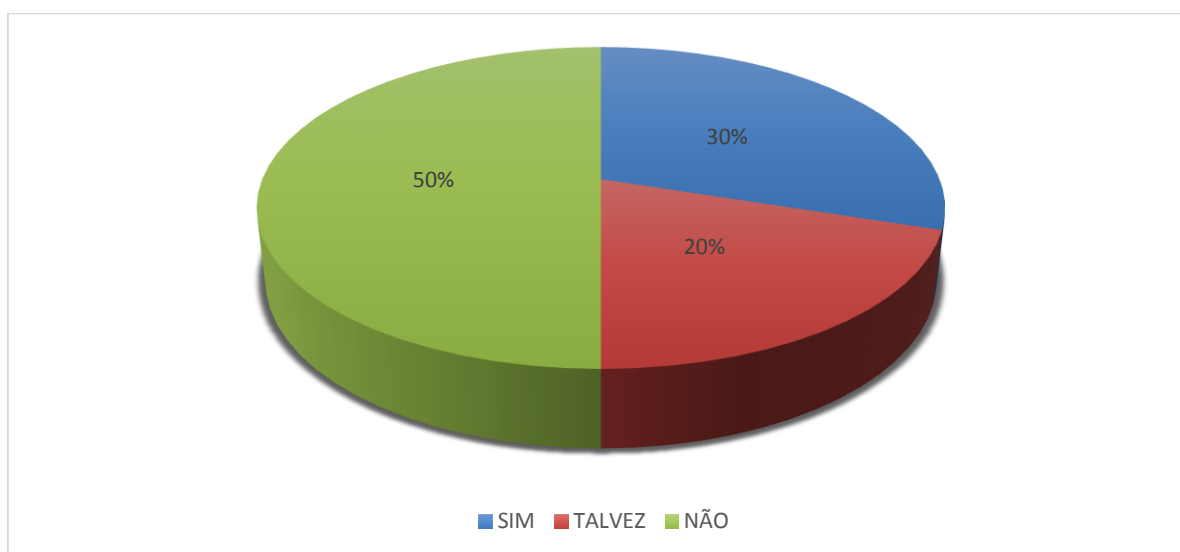


Fonte: Elaboração própria, 2022/2023

Conforme as constatações feitas na tabela e gráfico nº 02 sobre o tempo de serviço, percebe –se que dos 10 professores inquiridos que corresponde a 100%. Portanto, 8 inquiridos que corresponde à 80% tem um tempo variado de um ano há cinco anos. Um professor que perfaz o total de 10% tem um tempo de serviço compreendido de 6 à 10 anos de serviço, 1 por ultimo, um professor com um tempo de serviço de 11 `15 o que corresponde à 10%. O que per faz assim o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e Gráfico nº 3 Os professores do ensino primário da Escola 6087, em Cacuaco, Luanda, possuem um conhecimento básico sobre o transtorno do espectro autista (TEA), mas podem enfrentar dificuldades na aplicação de práticas inclusivas específicas para atender às necessidades dessas crianças.

Designação	Frequência	%
Sim	3	30
Não	2	20
Talvez	5	50
Total	10	100

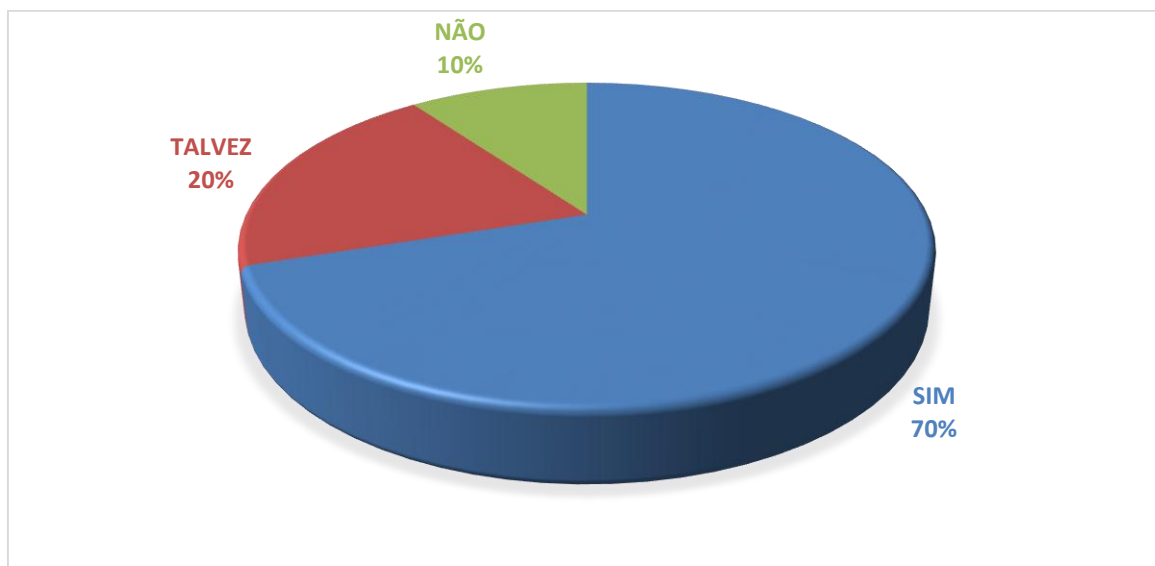


Fonte: Elaboração própria, 2022/2023

Conforme a tabela e gráfico nº3 sobre a questão Sobre o conhecimento de alunos que possam estar sofrendo com TEA Dos dez professores inqueridos, que perfazem 100%, 50% afirmaram que sim 20% responderam talvez e 10% afirmaram não ter conhecimento sobre o TEA.

Tabela e Gráfico nº 4 - Conheces os possíveis sinais do TEA.

Designação	Frequência	%
Sim	7	70
Não	2	20
Talvez	1	10
Total	10	100

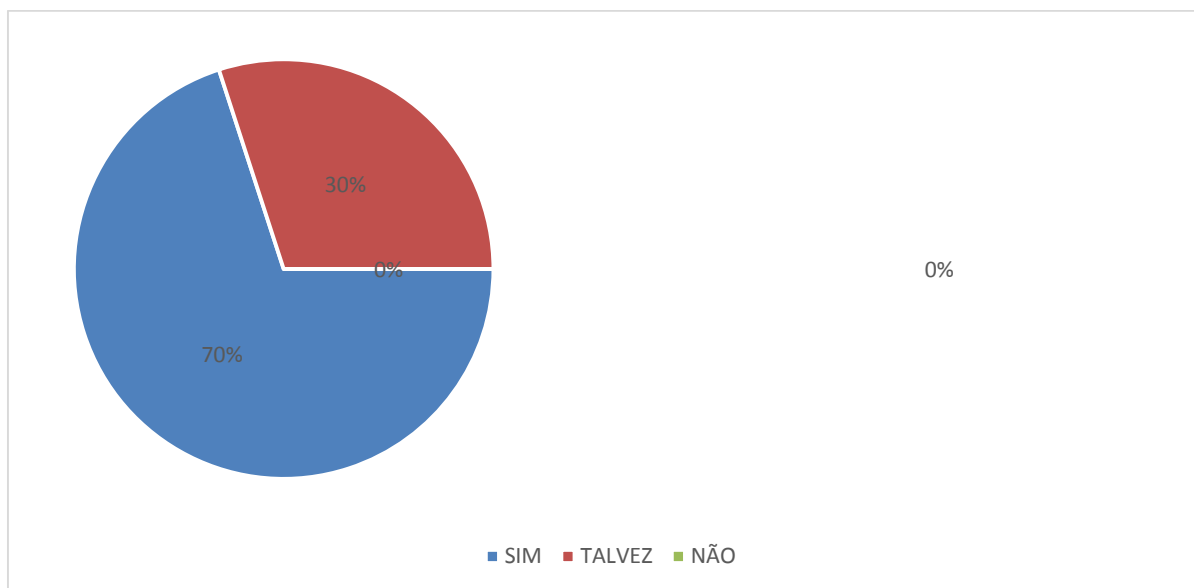


Fonte: Elaboração própria.

Seguindo a tabela e gráfico nº4 sobre a questão Sobre o conhecimento dos possíveis sinais do TEA. Dos dez professores inqueridos, que perfazem 100%, 70% afirmaram que sim 20% responderam talvez e 10% afirmaram não ter conhecimento sobre o TEA.

Tabela e Gráfico nº 5 O TEA pode afetar o seu desenvolvimento acadêmico.

Designação	Frequência	%
Sim	7	70
Não	0	00
Talvez	3	30
Total	10	100

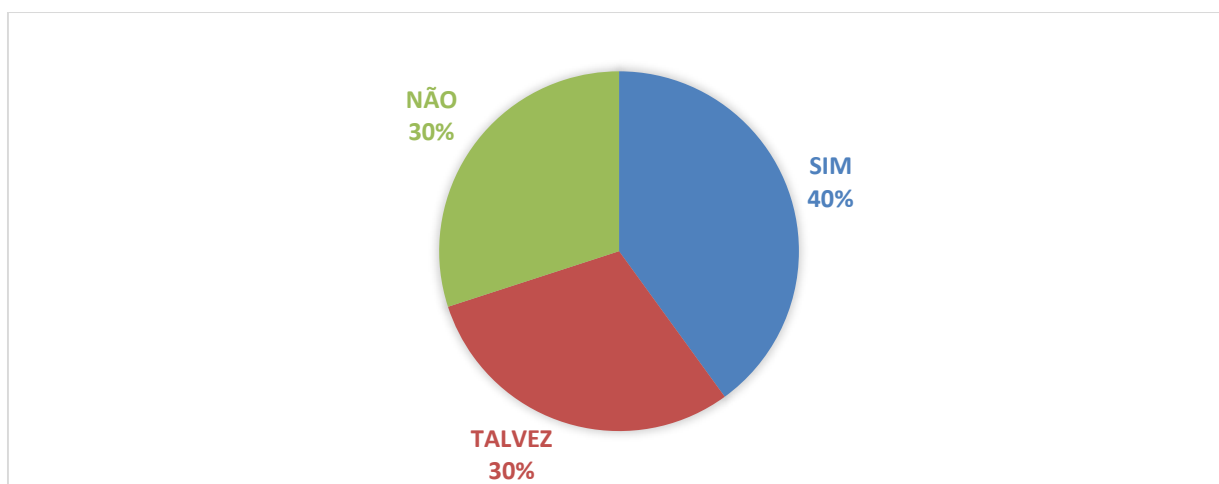


Fonte: Elaboração própria.

Em concordância a tabela e gráfico nº5 sobre a questão Quanto ao TEA se pode afetar o desenvolvimento acadêmico do aluno, dos dez professores inqueridos, que perfazem 100%, 70% afirmaram que sim 30% responderam talvez e 0% não emitiu opinião alguma.

Tabela e Gráfico nº6 Considera significativa a melhoria das aquisições básicas dos alunos com TEA após o término do ano lectivo.

Designação	Frequência	%
Sim	4	40
Não	3	30
Talvez	3	30
Total	10	100

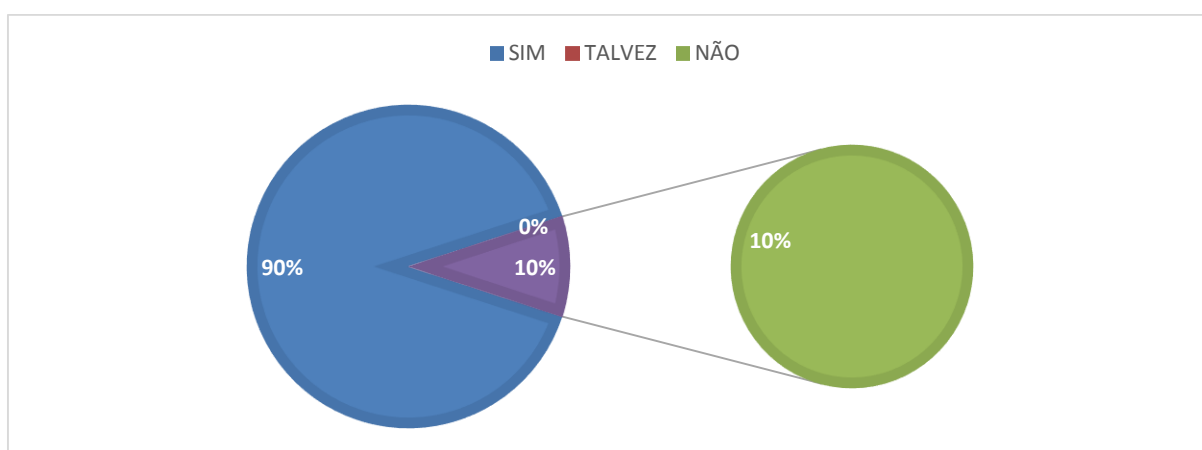


Fonte: elaboração própria.

De acordo com a tabela e gráfico nº6 sobre a questão Os 10 professores inqueridos perfazem 100%, 40% considera significativa a melhoria das aquisições básicas dos alunos com TEA após o término do ano lectivo os 30% afirmaram talvez e 30% afirmaram não ter certeza.

Tabela e Gráfico nº 7 Considera importante a redução do número de alunos por turma com a inclusão por necessidades educativas especiais.

Designação	Frequência	%
Sim	9	90
Não	1	10
Talvez	0	00
Total	10	100

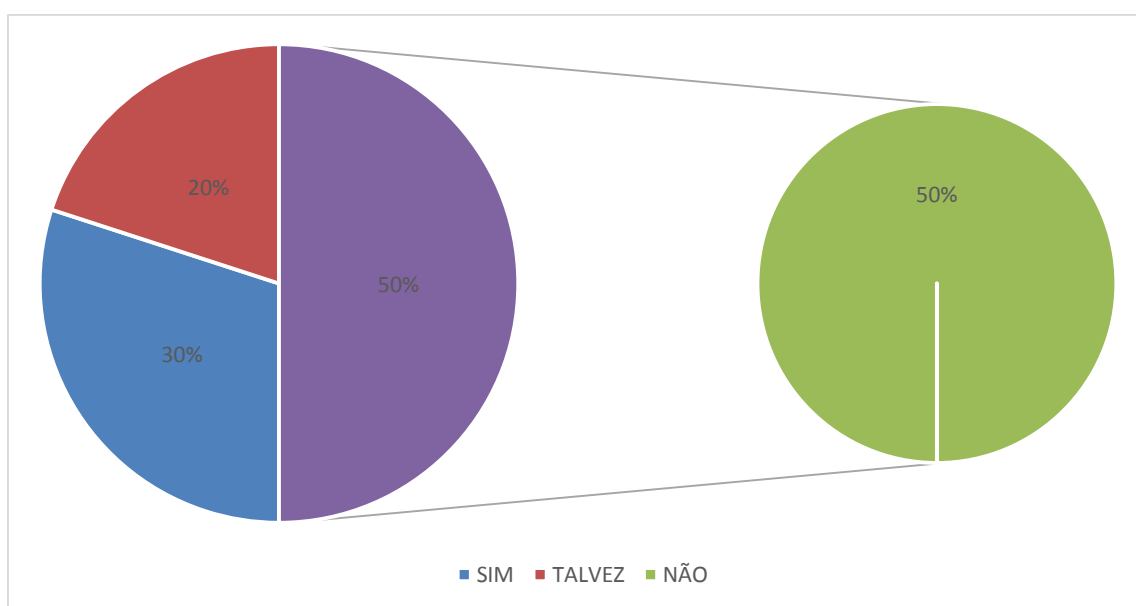


Fonte: elaboração própria.

Segundo a tabela e gráfico nº7 sobre a questão Os 10 professores inqueridos perfazem 100%, os 90% Considera importante a redução do número de alunos por turma com a inclusão por necessidades educativas especiais e 10% não é necessário.

Tabela e Gráfico nº 8 A inclusão dos alunos com TEA nas salas regulares é feita com sucesso.

Designação	Frequência	%
Sim	5	50
Não	2	20
Talvez	3	30
Total	10	100

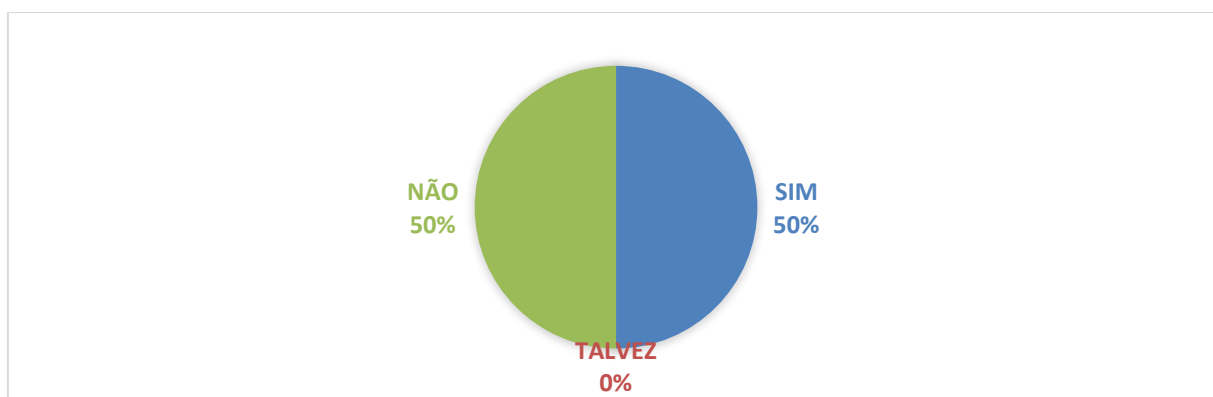


Fonte: elaboração própria.

Em consonância a tabela e gráfico nº8 sobre a questão Os 10 professores inqueridos perfazem 100%, a inclusão dos alunos com TEA nas salas regulares é feita com sucesso 50%, afirmou sim, 30% talvez e 20% não.

Tabela e Gráfico nº 9 Considera importante o aluno com TEA frequente o máximo número de horas a sala regular.

Designação	Frequência	%
Sim	5	50
Não	5	50
Talvez	00	00
Total	10	100

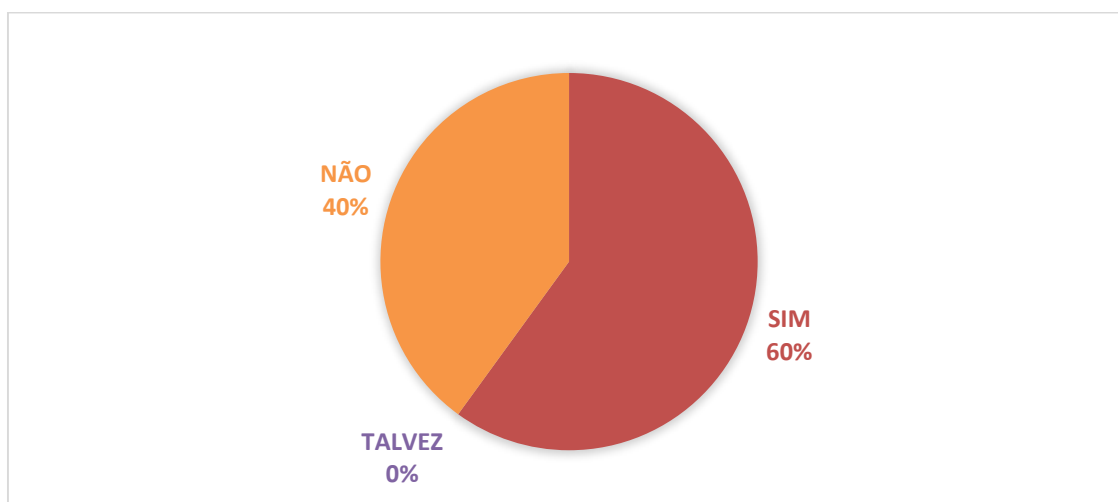


Fonte: elaboração própria.

Em harmonia a tabela e gráfico nº9 sobre a questão Os 10 professores inqueridos perfazem 100%, sobre a frequência do aluno com TEA frequentar o máximo número de horas a sala regula, 50% afirmou que sim e outros 50% afirmou não.

Tabela e Gráfico nº 10 O ambiente escolar e os recursos disponíveis na Escola 6087 podem influenciar a capacidade dos professores de oferecer suporte adequado às crianças com TEA, afetando assim o sucesso da inclusão desses alunos na sala de aula

Designação	Frequência	%
Sim	6	60
Não	4	40
Talvez	00	00
Total	10	100

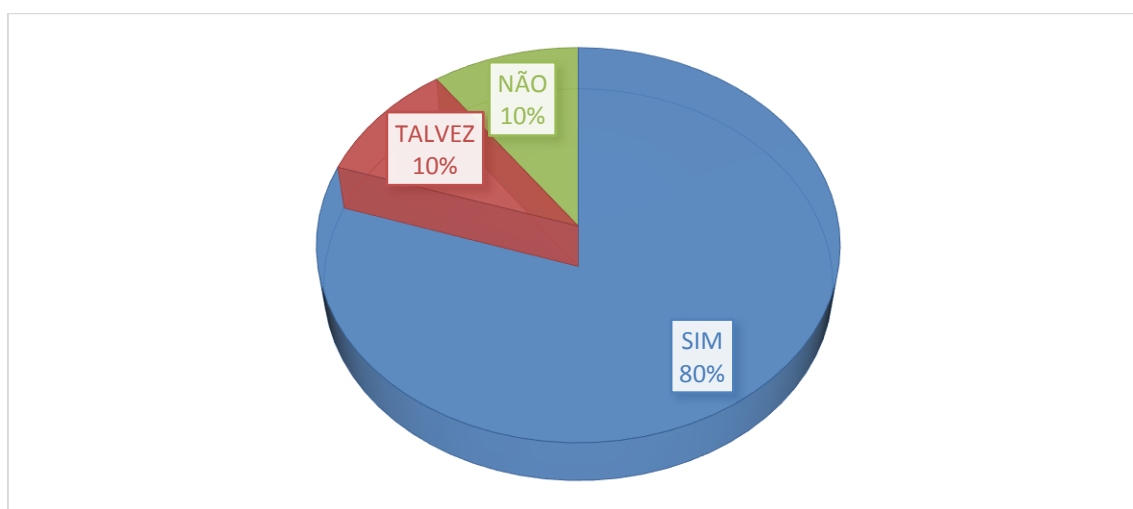


Fonte: elaboração própria.

Em conforme a tabela e gráfico nº10 sobre a questão Os 10 professores inqueridos que perfazem 100%, 60% afirmou sim quanto aos recursos da escola são utilizadas como um recurso para o ensino e aprendizagem, e 40% diz que os recursos não são utilizados para o ensino como tal.

Tabela e Gráfico nº 11 As diferenças entre os alunos são utilizadas como um recurso para o ensino e aprendizagem.

Designação	Frequência	%
Sim	8	80
Não	1	10
Talvez	1	10
Total	10	100

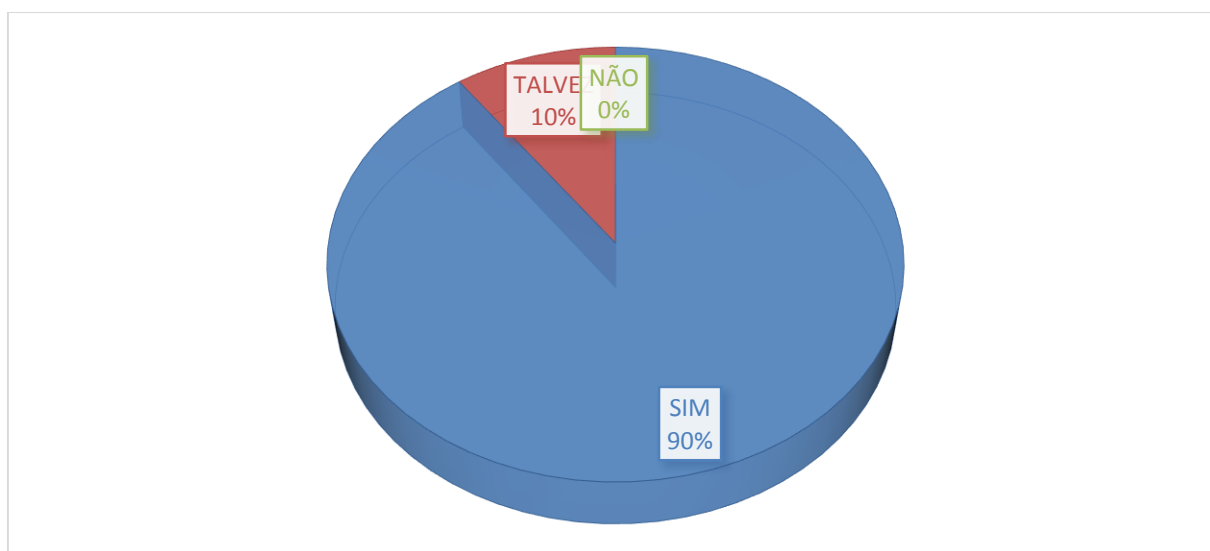


Fonte: elaboração própria.

Em sintonia a tabela e gráfico nº11 sobre a questão Os 10 professores inqueridos que perfazem 100%, em relação as diferenças entre os alunos são utilizadas como um recurso para o ensino e aprendizagem 80% afirmou que sim, 10% diz que não e 10% diz que talvez.

Tabela e Gráfico nº 12 Os profissionais desenvolvem medidas para apoiar a aprendizagem e a participação

Designação	Frequência	%
Sim	9	90
Não	00	00
Talvez	1	10
Total	10	100

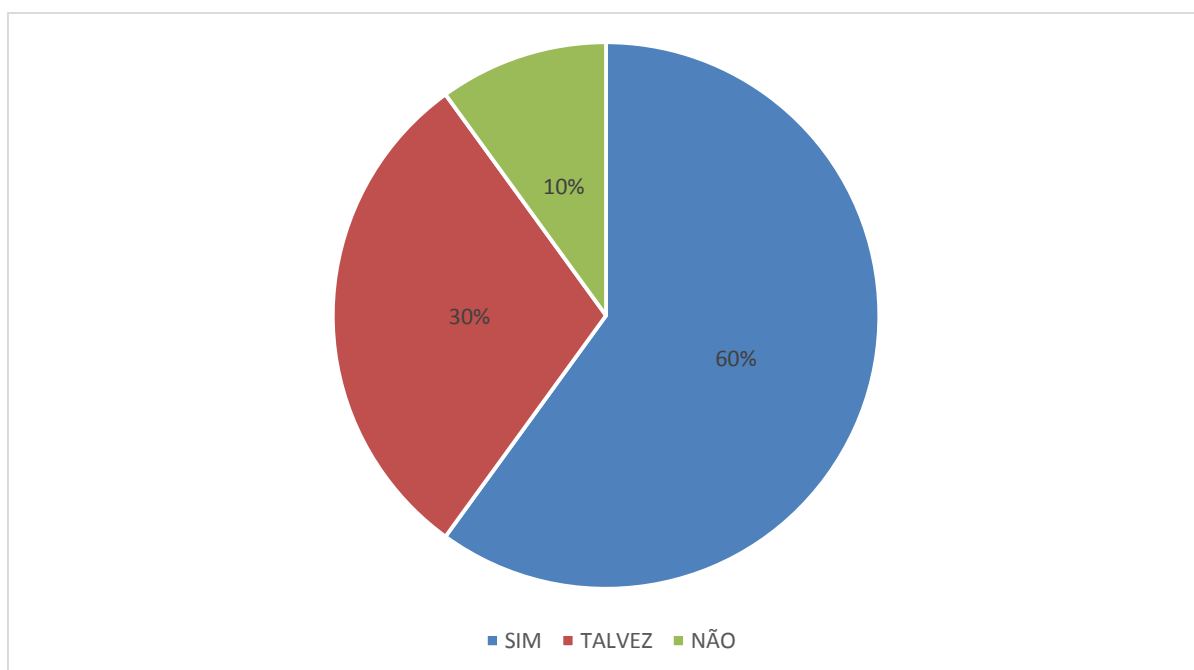


Fonte: elaboração própria.

Em correspondência a tabela e gráfico nº12 sobre a questão Os 10 professores inqueridos que perfazem 100%, 90% firmou sim, que os profissionais desenvolvem medidas para apoiar a aprendizagem e a participação e 10% disse não.

Tabela e Gráfico nº 13 A escola torna o seu edifício acessível a todas as pessoas

Designação	Frequência	%
Sim	6	60
Não	1	10
Talvez	3	30
Total	10	100

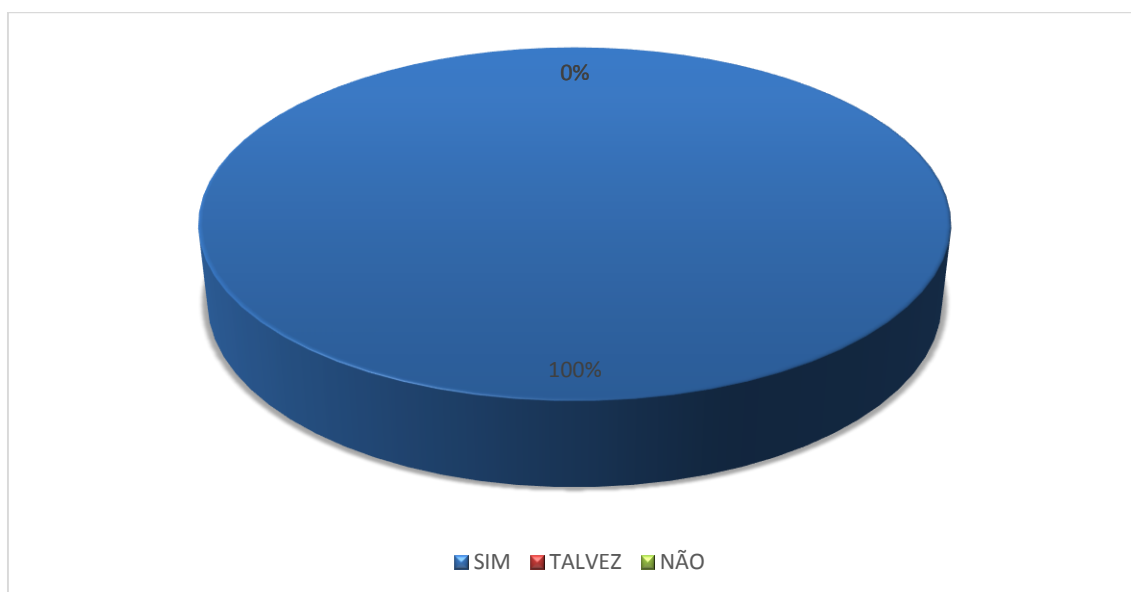


Fonte: elaboração própria.

Em obediência a tabela e gráfico nº13 sobre a questão Os 10 professores inqueridos que perfazem 100%, 60% afirmou que sim, a escola torna o seu edifício acessível a todas as pessoas e 30% disse talvez e 10% desse não.

Tabela e Gráfico nº 14 A falta de formação e capacitação adequadas pode ser um obstáculo para os professores no desenvolvimento e implementação de estratégias eficazes de inclusão para crianças com TEA na educação infantil.

Designação	Frequência	%
Sim	10	100
Não	00	00
Talvez	00	00
Total	10	100

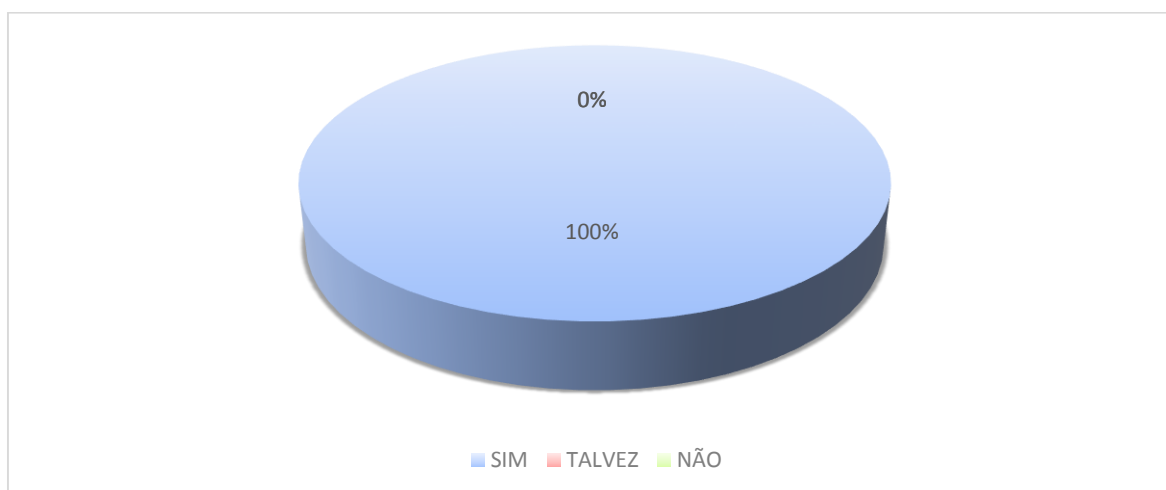


Fonte: elaboração própria.

De acordo a tabela e gráfico nº14 sobre a questão Os 10 professores inqueridos que perfazem 100%, quanto a formação continua ajuda os profissionais a responderem a diversidade do aluno com TEA 100% disse que sim.

Tabela e Gráfico nº 15 A avaliação encoraja a melhoria dos resultados dos alunos.

Designação	Frequência	%
Sim	10	100
Não	00	00
Talvez	00	00
Total	10	100



Fonte: elaboração própria.

Em linha a tabela e gráfico nº15 sobre a questão Os 10 professores inqueridos que perfazem 100%, em relação a avaliação encoraja a melhoria dos resultados dos alunos com TEA 100% diz sim ser um instrumento viável.

3.2. Discussão dos resultados

Quanto a discussão dos resultados foi feita de acordo dos os autores que dão sustentabilidade aos resultados do questionário aplicado aos professores.

Sestari (2021), relata os seus receios de quando entrou numa sala de aula com criança inclusa, esse receio era porque ela não tinha conhecimento sobre o assunto, mesmo tendo um bom intensão de acolher e apoiar esse aluno. Sempre me recordo da insegurança que eu, jovem professora, senti na primeira experiência desse tipo anos atrás. A minha intenção de acolher e apoiar era das melhores, mas eu não tinha muitos conhecimentos sobre o assunto.

Já Silveira e Neves (2006) relataram as concepções que problematizam a dificuldade de inclusão escolar dos deficientes múltiplos, sendo está vinculada à própria dificuldade no acompanhamento de conteúdos ministrados.

Lacerda (2006) mostrou que as principais dificuldades dos professores no processo de inclusão do aluno surdo no ensino regular são o desconhecimento sobre a surdez e sobre suas implicações educacionais, a interação professor/intérprete e a incerteza em relação ao papel dos diferentes atores neste cenário, as adaptações curriculares e estratégias de aula, resultando na exclusão do aluno surdo de atividades.

Carvalho e Oliveira (2009) afirmaram que crianças com autismo podem se desenvolver no processo de aprendizagem, socialização e interação social, principalmente quando o aluno pode contar com um professor capacitado e suporte de uma equipe multidisciplinar.

Para Pinheiro, Ziede, (2014) A inclusão somente acontece, se acredita que todas as crianças podem aprender, tendo acesso igualitário a um currículo básico, diversificado e uma educação de qualidade. Com a característica de manter um ensino que compõe a estimulação precoce, sendo composto por rotinas, atividades lúdicas, também é desenvolvido habilidades no processo de interação social aprendizagem e fazendo com que nessa criança seja desenvolvido um processo plenamente enriquecedor, a criança com TEA tem muito a aprender e se desenvolver na educação infantil, para que essa criança seja assistida conforme.

CONCLUSÃO

Este estudo buscou avaliar o nível de conhecimento dos professores do ensino primário da Escola 6087, Icolo Bengo, Luanda, sobre o transtorno do espectro autista (TEA) e suas práticas inclusivas na educação infantil durante o período letivo de 2022/2023. Para alcançar esse objetivo, foram delineadas hipóteses que levaram em consideração a possibilidade de os professores possuírem um conhecimento básico sobre o TEA, mas enfrentarem desafios na implementação de práticas inclusivas específicas.

Os resultados deste estudo revelaram que, de fato, os professores possuem um conhecimento geral sobre o TEA, porém, apresentam lacunas significativas em relação às práticas inclusivas adequadas para atender às necessidades das crianças com TEA na educação infantil. Muitos professores expressaram dificuldades em adaptar o currículo, proporcionar suportes individualizados e promover a participação plena de todas as crianças na sala de aula.

Essas descobertas destacam a importância da capacitação profissional contínua dos professores em relação ao TEA e à inclusão educacional. Recomenda-se o desenvolvimento e a implementação de programas de formação específicos, que abordem não apenas os aspectos teóricos do TEA, mas também forneçam estratégias práticas e recursos adaptados para apoiar os professores em sua prática diária.

Além disso, é essencial que a escola e as autoridades educacionais trabalhem em conjunto para fornecer o apoio necessário aos professores, incluindo acesso a materiais educativos adequados, suporte de equipe multidisciplinar e criação de um ambiente inclusivo que promova a aceitação e o respeito pela diversidade.

Em suma, este estudo destaca a importância de reconhecer as necessidades específicas das crianças com TEA na educação infantil e de capacitar os professores para que possam oferecer um ambiente de aprendizado inclusivo e de qualidade para todos os alunos. A implementação de estratégias inclusivas eficazes não apenas beneficia as crianças com TEA, mas enriquece a experiência educacional de toda a comunidade escolar.

Ao analisar o conteúdo abordado, mediante conhecimentos prévios e fundamentação teórica sobre o tema, vale destacar que é um conteúdo de suma

importância para o quadro educacional hoje em dia, uma vez que a criança com autismo é vista com outros olhos, perante escola e sociedade em que se encontra.

O aluno com TEA não é mais aquele aluno que está regularmente matriculado apenas como forma de garantia de direito, mais um ser que dependentemente do seu grau de autismo, está apto a ser analisado mediante seu comportamento e compreendido no meio em que se encontra.

Esta pesquisa, proporcionou no decorrer do seu desenvolvimento, disponibilizando informações e métodos a serem adaptados ao aluno e ambiente escolar, assim como um grande leque de informações sobre o processo de desenvolvimento cognitivo da criança com TEA decorrente da atribuição da afetividade. Portanto, afirmamos que as três hipóteses foram confirmadas.

SUGESTÕES

Com base nas conclusões do estudo, aqui estão algumas sugestões para promover uma educação mais inclusiva e apoiar os professores na Escola 6087, Icolo Bengo, Luanda:

Elaborar programas de formação contínua específicos sobre o TEA e práticas inclusivas para os professores. Esses programas podem incluir workshops, palestras, materiais educativos e sessões práticas para fornecer aos professores as habilidades e conhecimentos necessários para atender às necessidades das crianças com TEA.

Desenvolver e disponibilizar recursos educacionais adaptados, como materiais didáticos, jogos e atividades, que atendam às necessidades de aprendizado das crianças com TEA. Esses recursos podem ser utilizados pelos professores para diferenciar o ensino e promover a participação de todos os alunos na sala de aula.

Estabelecer uma equipe multidisciplinar na escola, composta por professores especializados em educação especial, psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos, para oferecer suporte e orientação aos professores no desenvolvimento e implementação de estratégias inclusivas.

Criar um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, onde todas as crianças se sintam valorizadas e respeitadas. Isso pode envolver a realização de campanhas de sensibilização, atividades de promoção da empatia e celebração da diversidade na escola.

Estabelecer uma parceria colaborativa com as famílias das crianças com TEA, envolvendo-as no processo educacional e compartilhando informações sobre as necessidades específicas de seus filhos. Isso pode ajudar os professores a entender melhor as necessidades individuais de cada criança e a desenvolver planos de ensino personalizados.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu B. P. de, Fernanda; (2012). Pesquisas relacionadas para a Inclusão. Metodologias
- Aguiar, T; Duarte, P(2005) Como planejar a pesquisa em leitura. In: Rosing, Tânia M. K.; Becker, Paulo (Org.), Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: UPF.
- Ajuriaguerra, J. (1977) *Manual de Psiquiatria Infantil*. Barcelona: Toray-Masson.
- Alves, M. de M. C.; Lisboa, D. de O. (2010), Autismo e inclusão escolar. In: colóquio internacional educação e contemporaneidade
- Ativas: Tecnologias Assistivas com um novo olhar para a inclusão. Revista Científica Multidisciplinar das Faculdades São José. Ciência Atual. Rio de Janeiro. Volume 9, Nº 1 • 2017 | inseer.ibict.br/cafsj | Pg. 04-17
- Azevedo, A., Gusmão, M. (2016), A importância da Fisiopatologia Motora no Acompanhamento de crianças Autista.
- Baptista, C.R.(2006). Educação e transtornos globais do desenvolvimento: em busca de possibilidades. Cadernos da APPOA, n.114, pp.31-36.
- Barreto, C. S.G. & Reis, M. B. F. (2010, jan./jun.). Educação inclusiva: do paradigma da igualdade para o paradigma da diversidade. *Revista Polyphonia*, 22(1). Recuperado de: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/1217/1/21207-891571-SM.pdf>> Acesso em: 20 ago..
- Bosa, C., (2006), Autismo: intervenções psicoeducacionais. In: Brazilian Journal of Psychiatry.
- Brasil/MEC.(2019) Parecer CEB nº:11 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.
- Bruyne, Paul de, et al., (1991), Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica. 5 ed. Rio de Janeiro - RJ: Livraria Francisco Alves Editora S.A.
- Carvalho, R. de; Oliveira, S. de F. (2009), Inclusão e escolarização de alunos autistas. Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v. 1, n. 1

- Cunha, E. (2017) *Autismo e inclusão: psicopedagoga prática educativas na escola e na família*. 5º Ed. RJ: Wak ed.
- Cunha, N. d., & Boruchovitch, E. (2012), *Estratégias de Aprendizagem e Motivação para Aprender na Formação de Professores*.
- DSM-V.(2014) *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. M.I.C. Nascimento et al., Trad); 5ª ed.; Porto Alegre: ArtMed.
- Dutra, C. P. et al.(2008) *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, jan. 2008. Disponível em:
- Freire, P.(1996) *Pedagogia do oprimido*. São Paulo, Paz e Terra
- Gomes, C.; Barbosa, A. J. G. (2006), A inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.12, n.1,
- Houaiss. A.(2007) *Dicionário on-line da língua Portuguesa*. Abril de 2007. Versão 2.0a. CD-ROM.
- Kanner, L; Kelmam, C. A. [et al]. Albuquerque, D. e Barbato, S.(2012) – Organizadoras. *Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar*. Brasília, Editora UnB.
- Klin, Ami.(2006), *Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral*. Revista Brasileira de
- Lacerda, L., (2017), *Transtorno do espectro autista: uma brevíssima introdução/–* Curitiba: CRV.
- Lakatos, E. M. e Marconi, M. de A.(2003) *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5. Ed. São Paulo: Atlas.
- _____.(2005) *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5. Ed. São Paulo: Atlas.
- Leite, S. A e Dantas S.(2020) *Afetividade e letramento na alfabetização de adultos*. In:LEITE, Sérgio Antônio da Silva. *Afetividade e letramento na Educação de Jovens e Adultos EJA*. São Paulo: Cortez.
- Locatelli, P. B., & Santos, M. F. R. (2016), *Autismo: propostas de intervenção*.

- Marconi e Lakatos, (2003, p.106, p.107, p. 155, p. 183), Metodologia do trabalho científico (8ª ed). São Paulo: Atlas Ltda.
- Marques, P (2022). *Perturbações do espectro do autismo. Ensaio de uma intervenção construtivista desenvolvimentista com Mães*. Lisboa: Quarteto Editora.
- Mattos, L; Nuernberg, A, H. (2011) *Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnósticos de autismo na Educação Infantil*. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 24, n. 39, p. 129-142, jan./abr.
- Mello, A. M. S. R. Autismo: guia prático. (2007), 7. Ed. colaboração: Marialice de Castro
- Oliveira, D. C.; Kottel, A. (2016). Determinantes comportamentais e emocionais do processo ensino-aprendizagem. Caderno Intersaberes. vol. 5, n.6, p.1-12.
- Oliveira, I. e Soares (2019) - *“Tudo isto porque ser Autista é, sem dúvida, apenas mais uma forma de ser...”* - Faculdade de Motricidade Humana.
- Onzi. Z. F; Gomes F. R. (2015), Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. In: Caderno Pedagógico- Univates. Vol.12,Núm. 3.
- Peterson, P. D.(2001) *O professor do ensino básico: perfil e formação*. Lisboa:
- Pinto O. de, Diego.(2016) Metodologias Ativas de aprendizagem: O que são e como aplica-las. 2016. Disponível em: <https://blog.lyceum.com.br/metodologias-ativas-de-aprendizagem>. Acesso em 18 de dez.
- Ramos, M., N., (2014), História e Política da Educação Profissional. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, (Coleção Formação Pedagógica, v. 5) Disponível em:<<https://curitiba.ifpr.edu.br/> Acesso em: 28 jun. 2023.
- Sant’ana, I. M. (2005), Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. Psicologia em Estudo, Maringá, v.10, n.2.
- Serra, Dayse. (2010) *“A Educação de Alunos Autistas: Entre Discursos e as Práticas*
- Sestari, P., (2021), Inclusão na educação Infantil, Autismo e estratégia para as Propostas Pedagógicas. Nova escola (29/03/).
- Silva, J., B., R., da, (2021), Especialização em Fundamentação da educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinar Universidade estadual da Paraíba-Campus III.

- Silva, L. G. dos S. (2012). *Educação inclusiva: práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões* (1. ed). São Paulo, SP: Paulinas.
- Silveira, F. F.; Neves, M. M. B. J. (2006), Inclusão escolar de crianças com deficiência múltipla: concepções de pais e professores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.22, n.1, Transtornos Mentais. Porto Alegre: ARTMED, 2014
- Tartuce, T. J. A. (2006)*Métodos de pesquisa*. Fortaleza: UNICE – Ensino Superior. Apostila.
- Teixeira, G. (2010)*Manual do Autismo*. Rio de Janeiro: BestSeller.
- Unesco- Declaração da ONU, (2006), Convenção Internacional sobre os direitos das pessoas com Deficiências. Brasília.
- Vasconcelos, M(2009). *A formação do professor de baixo grau*. São Paulo: Pioneira.
- Zassala, C., (2017), *Iniciação à Pesquisa Científica*. Luanda: Mayamba Editora.

APÊNDICE

Prezado (a) Professor(a)

A pesquisa pretende descrever sobre os conhecimentos dos professores do ensino primário sobre a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista na educação infantil. Caso da escola do ensino primário nº 6087 João Manuel filho (Diboba), do município de Cacucaco/luanda no ano lectivo 2022/2023

Por favor, responda as seguintes perguntas com base em suas experiencias e observações como professores. Suas respostas serão confidenciais.

1. Qual é o seu nível de conhecimento sobre o transtorno do espectro autista (TEA)?

- a) Muito baixo
- b) Baixo
- c) Moderado
- d) Alto
- e) Muito alto

2. Você se sente preparado para atender às necessidades educacionais de crianças com TEA na sua sala de aula?

- a) Sim, totalmente
- b) Sim, em parte
- c) Não tenho certeza
- d) Não, mas estou disposto a aprender
- e) Não, e não estou interessado em aprender

3. Que tipo de suporte você acha mais útil para melhorar suas práticas inclusivas em relação às crianças com TEA?

- a) Capacitação profissional
- b) Recursos educacionais adaptados
- c) Apoio de uma equipe multidisciplinar
- d) Orientação individualizada
- e) Outros (por favor, especifique)

4. Que desafios você enfrenta ao tentar incluir crianças com TEA na sua sala de aula?

- a) Adaptação do currículo
- b) Comunicação com a criança e sua família
- c) Gerenciamento do comportamento
- d) Integração social
- e) Outros (por favor, especifique)

5. Você acredita que a escola fornece recursos adequados para apoiar a inclusão de crianças com TEA?

- a) Sim, totalmente
- b) Sim, em parte
- c) Não tenho certeza
- d) Não, a escola precisa melhorar nesse aspecto
- e) Não, e não acredito que isso seja necessário

6. Os professores do ensino primário da Escola 6087, em Cacuaco, Luanda, possuem um conhecimento básico sobre o transtorno do espectro autista (TEA), mas podem enfrentar dificuldades na aplicação de práticas inclusivas específicas para atender às necessidades dessas crianças.

- a) Sim
- b) Não
- c) As vezes

7. A falta de formação e capacitação adequadas pode ser um obstáculo para os professores no desenvolvimento e implementação de estratégias eficazes de inclusão para crianças com TEA na educação infantil.

- a) Sim
- b) Não
- c) As vezes

8. O ambiente escolar e os recursos disponíveis na Escola 6087 podem influenciar a capacidade dos professores de oferecer suporte adequado às crianças com TEA, afetando assim o sucesso da inclusão desses alunos na sala de aula.

- a) Sim
- b) Não
- c) As vezes

Muito obrigada pela participação

ANEXOS